



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS PROFESSOR BARROS ARAÚJO
CURSO: LICENCIATURA EM LETRAS/PORTUGUÊS**

JOZIRENE JOSEFA DA LUZ

O ECLETISMO DE OS SERTÕES: ENTRE A HISTÓRIA E A FICÇÃO

PICOS – PI

2024

JOZIRENE JOSEFA DA LUZ

O ECLETISMO DE OS SERTÕES: ENTRE A HISTÓRIA E A FICÇÃO

Monografia apresentada à disciplina Prática de Pesquisa em Letras II, do curso de Licenciatura Plena em Letras/Português da Universidade Estadual do Piauí, *Campus Professor Barros Araújo*, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Letras/Português.

Orientadora: Professora Dra. Mônica Maria Feitosa Braga Gentil.

PICOS – PI

2024

L979e Luz, Jozirene Josefa da.

O ecletismo de Os Sertões: entre a história e a ficção /
Jozirene Josefa da Luz. - 2024.

56f.: il.

Monografia (graduação) - Universidade Estadual do Piauí - UESPI
, Licenciatura Plena em Letras Português, Campus Poeta Torquato Neto, Teresina-PI 2024.

"Orientadora: Prof.^a Dr.^a Mônica Maria Feitosa Braga Gentil".

1. Os Sertões. 2. História. 3. Ficção. I. Gentil, Mônica Maria Feitosa Braga . II. Título.

CDD B869.3

Ficha elaborada pelo Serviço de Catalogação da Biblioteca da UESPI
JOSÉ EDIMAR LOPES DE SOUSA JÚNIOR (Bibliotecário) CRB-3^a/1512

JOZIRENE JOSEFA DA LUZ

O ECLETISMO DE OS SERTÕES: ENTRE A HISTÓRIA E A FICÇÃO

Monografia apresentada à disciplina Prática de Pesquisa em Letras II, do curso de Licenciatura Plena em Letras/Português da Universidade Estadual do Piauí, *Campus Professor Barros Araújo*, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Letras/Português.

Orientadora: profa. Dra. Mônica Maria Feitosa Braga Gentil

Aprovação em: 18 de dezembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Mônica Maria Feitosa Braga Gentil
Universidade Estadual do Piauí - UESPI
(Presidente da Banca)

Profa. Ma. Margareth Valdivino da Luz Carvalho
Universidade Estadual do Piauí - UESPI
(1^a Examinadora)

Profa. Dra. Eliana Pereira de Carvalho
Universidade Estadual do Piauí - UESPI
(2^a Examinadora)

PICOS - PIAUÍ

2024

Dedico esta jornada a mim e a todos que me apoiaram fazendo esse sonho tornar-se realidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Deus, fonte de toda sabedoria e inspiração, que com sua infinita bondade me segurou em todos as dificuldades e não permitiu que eu fracassasse em momento algum. Agradeço aos meus pais que acreditaram na minha capacidade de realizar esse sonho, que também almejaram essa conquista que não é só minha, mas nossa, e a todas as pessoas especiais presentes na minha vida que estiveram do meu lado acreditando que chegaríamos ao encerramento deste ciclo com o sentimento de gratidão e vitória. Agradeço a colaboração de todos os professores que tive o prazer de aprender valiosas lições acadêmicas, profissionais e pessoais que levarei sempre comigo.

A literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade.

Afrânio Coutinho

RESUMO

Este trabalho tem como objeto de estudo o livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, obra que inaugura o pré-modernismo (1902-1922), um período literário que faz a transição entre o simbolismo e o modernismo brasileiro. As obras desse período apresentam um nacionalismo crítico, temática sociopolítica e linguagem jornalística. *Os Sertões* é considerada uma obra fundamental não apenas para a literatura, mas também para a cultura brasileira, pois os modos como o livro é lembrado – por um lado, uma denúncia do crime cometido pelo exército contra os sertanejos e, por outro, a denúncia de uma vontade idealizada de civilização em confronto com uma brutal realidade de desigualdade social – nos levam a compreender a obra ao mesmo tempo como diagnóstico do momento histórico. Mais que um relato histórico com descrição científica, a narrativa nos convida a refletir sobre seu aspecto literário. A natureza tem um papel fundamental na construção de metáforas para descrever a realidade. Para Euclides, a figura do sertão comporta analogias poéticas, em vez de apenas representar um cenário de luta. O escritor não está preocupado em descrever as condições climáticas, físicas e geológicas da natureza, mas extraír seus significados metafóricos. O sertão é descrito de maneira que o narrador faz uma analogia tanto ao homem como a guerra. O sertão é o cenário poético que esconde e ao mesmo tempo revela as cenas sangrentas de uma guerra e a realidade cruel sob a qual vive o sertanejo. Ainda vemos o detalhamento na descrição da disparidade entre o homem da cidade e o sertanejo; as figuras emblemáticas de Antônio Conselheiro e Moreira Cesar, assim como diálogos presentes na obra. O objetivo geral deste trabalho é analisar a escrita eclética de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, focalizando a complexa aliança entre a história e a ficção. A metodologia utilizada é em uma abordagem qualitativa e bibliográfica. Na fundamentação teórica, foram consultados trabalhos dos autores Alfredo Bosi (1994), Euclides da Cunha (1966), Hayden White (1992), Pimentel e Pimentel (2023), Roberto Ventura (2003) e outros. À vista disso, a obra-prima de Euclides da cunha, é um excelente ponto de partida para qualquer reflexão sobre as fluidas fronteiras entre história e ficção, visto que se completam, pois aspectos históricos e ficcionais contribuem para o processo de construção da narrativa e compreensão da realidade do sertão brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Os sertões, história, ficção.

RÉSUMÉ

Ce travail a pour objet d'étude le livre *Les sertões*, de Euclides da Cunha, œuvre qui inaugure le pré-modernisme (1902-1922), une période littéraire qui fait la transition entre le symbolisme et le modernisme brésilien. Les œuvres de cette période présentent un nationalisme critique, une thématique sociopolitique et un langage journalistique. *Les sertões* est considéré comme un travail fondamental non seulement pour la littérature, mais aussi pour la culture brésilienne, car les modes de lecture du livre sont rappelés - d'une part, une dénonciation du crime commis par l'armée contre les d'autre part, la dénonciation d'une volonté idéalisée de civilisation en confrontation avec une brutale réalité d'inégalité sociale - nous conduisent à comprendre l'œuvre en même temps comme diagnostic du moment historique. Plus qu'un récit historique avec une description scientifique, le récit nous invite à réfléchir sur son aspect littéraire. La nature joue un rôle fondamental dans la construction de métaphores pour décrire la réalité. Pour Euclide, la figure du sertão comporte des analogies poétiques au lieu de représenter simplement un scénario de lutte. L'auteur ne s'intéresse pas à décrire les conditions climatiques, physiques et géologiques de la nature, mais en extraire leurs significations métaphoriques. Le désert est décrit de telle sorte que le narrateur fait une analogie à la fois avec l'homme et la guerre. Le désert est le décor poétique qui cache et révèle en même temps les scènes sanglantes d'une guerre et la réalité cruelle dans laquelle vit le désert. Nous voyons encore le détail dans la description de la disparité entre l'homme de la ville et le sertanejo; les figures emblématiques d'Antonio Conselheiro et de César Moreira, ainsi que des dialogues présents dans l'œuvre. L'objectif général de ce travail est d'analyser l'écriture éclectique de *Les Sertões*, *Euclides da Cunha*, en se concentrant sur l'alliance complexe entre l'histoire et la fiction. La méthodologie utilisée est une approche qualitative et bibliographique. Dans la base théorique, les travaux des auteurs Alfredo Bosi (1994), Euclides da Cunha (1966), Hayden White (1992), Pimentel et Pimentel (2023), Roberto Ventura (2003) et d'autres ont été consultés. Dans cette perspective, le chef-d'œuvre d'Euclides da Cunha est un excellent point de départ pour toute réflexion sur les frontières fluides entre histoire et fiction, car elles se complètent, parce que les aspects historiques et fictionnels contribuent au processus de construction du récit et de la compréhension de la réalité de l'arrière-pays brésilien.

MOTS-CLÉS: *Les sertões*, histoire, fiction.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 10 |
| CAPÍTULO 1 - O PRÉ-MODERNISMO DE EUCLIDES DA CUNHA | 14 |
| 1.1 Autor e Obra: Caminhos e Trajetórias | 15 |
| 1.2 Um olhar sobre Os Sertões | 20 |
| CAPÍTULO 2 - HISTÓRIA E FICÇÃO | 26 |
| CAPÍTULO 3 - OS SERTÕES EM ANÁLISE | 32 |
| 3.1 Natureza Barroca | 33 |
| 3.2 Analogia ao sertanejo | 36 |
| 3.3 Personificação metafórica: natureza, homem e guerra | 38 |
| 3.3.1 A natureza como metáfora do homem | 39 |
| 3.3.2 A natureza e o homem como metáfora da guerra | 41 |
| 3.4 Disparidade entre o homem da cidade e o homem do sertão | 44 |
| 3.5 Analogia entre Antônio Conselheiro e Moreira César | 45 |
| 3.5.1 Antônio Conselheiro | 46 |
| 3.5.2 Moreira César | 49 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 52 |
| REFERÊNCIAS | 54 |
| ANEXO | 56 |

INTRODUÇÃO

Esta monografia estabelece associações entre a História e Ficção no livro de Euclides da Cunha, *Os Sertões*. Durante a sua produção, realizou-se um estudo pormenorizado d'*Os Sertões*, analisando, além do livro, o fascínio de Euclides da Cunha pela natureza, revelando-se um narrador voltado para as ações humanas e pelas forças controladoras do ambiente. Além disso, foram utilizados livros, artigos, dissertações, teses, manuscritos, documentários, matérias e outros trabalhos científicos para aproximar a narrativa literária d'*Os Sertões* de contextos históricos havidos no Sertão brasileiro.

Os Sertões vai muito além de ser apenas uma obra literária, uma vez que possibilita a reflexão sobre o passado, o presente e futuro. O texto é objeto de representação interdisciplinar, percorrendo diversas áreas do saber ao unir ciência e arte. Sua trama oferece múltiplas abordagens, como história social, oral, religiosa, sociológica, geográfica, política, entre outras, possibilitando que releituras e reescrituras sejam pensadas e tematizadas. Nesse sentido, comprehende-se que o estudo desse livro, além de contextualizar a história brasileira, tem relevância acadêmica já que possibilita examinar questões contemporâneas, promove a valorização da literatura nacional e estimula o pensamento crítico sobre a realidade brasileira.

Além de abordar o conflito ocorrido no arraial de Canudos, em 1886 e 1887, no interior da Bahia, o livro fornece informações sobre as causas, o desenvolvimento e o desfecho do massacre. A escrita de Euclides descreve a realidade social, econômica e cultural do povo sertanejo, bem como se detém em destacar as disparidades existentes entre eles e o povo litorâneo. Retrata-se o sofrimento do sertanejo ocasionado pela escassez de água e de comida, pelo descaso do Estado e a falta de perspectivas de melhoria.

Na historiografia literária, *Os Sertões* está inserido no período pré-modernista, que antecedeu o Modernismo no Brasil, marcado por uma transição entre o Realismo/Naturalismo e as novas tendências estéticas que viriam a surgir. Este período, que compreende aproximadamente as duas primeiras décadas do século XX, é caracterizado por a busca de uma identidade nacional mais autêntica, além de uma crítica às condições sociais e políticas do país.

Os escritores pré-modernistas, como Euclides da Cunha, influenciados pelas transformações culturais, sociais e políticas do Brasil do final do século XIX e início do século XX, exploraram temas como a desigualdade social, o regionalismo, a questão racial, o isolamento geográfico, entre outros. Suas obras frequentemente refletiam uma visão crítica da realidade brasileira, abordando as contradições e os conflitos de uma sociedade em transformação. As obras, embora distintas em estilo e abordagem, contribuíram para o desenvolvimento de uma consciência crítica e para a formulação de novas linguagens e estilos que viriam a caracterizar o Modernismo brasileiro.

Os Sertões, obra-prima do escritor brasileiro Euclides da Cunha, é uma investigação profunda e multifacetada sobre a realidade do sertão nordestino brasileiro e os conflitos que marcaram a história do Brasil no final do século XIX. Publicado pela primeira vez em 1902, o livro é uma síntese magistral entrelaçando de forma única os fios do jornalismo, história, geografia, sociologia e literatura, que mergulha nas entradas do Brasil profundo. Este monumental trabalho transcende os limites de um mero livro-reportagem, mediante uma narrativa histórica e ficcional, retrata a guerra de canudos, o pessimismo a desigualdade social do sertão brasileiro e as péssimas condições do trabalhador sertanejo.

Ao longo de *Os Sertões*, Euclides da Cunha emprega uma prosa densa e poderosa, repleta de descrições detalhadas e análises profundas. Sua escrita não se limita a retratar os eventos históricos, mas busca compreender as complexas dinâmicas sociais e políticas que os permeiam. Além disso, o autor incorpora elementos ficcionais, como diálogos entre personagens e recriações vívidas de cenários, para dar vida à narrativa e enriquecer sua análise.

A obra é dividida em três partes: "A Terra", "O Homem" e "A Luta", que delineiam cenas do ambiente onde se passou o conflito, dos actantes da narrativa e do desenrolar da guerra de Canudos. Na primeira parte, Euclides da Cunha apresenta uma análise minuciosa do ambiente físico do sertão, explorando sua geografia, clima e recursos naturais. Em seguida, na segunda parte, ele se volta para o estudo do homem sertanejo, sua cultura, suas tradições e suas características psicológicas. Por fim, na terceira parte, o autor narra os acontecimentos da Guerra de Canudos, um conflito sangrento que eclodiu no interior da Bahia e que serviu como catalisador para muitas das reflexões apresentadas ao longo da obra. Sua importância como uma obra que desafia categorizações tradicionais, transcende gêneros literários e continua a ecoar como um testemunho poderoso da alma do Brasil e de sua gente.

Este Trabalho de Conclusão de Curso fomenta a relevância de *Os Sertões*, considerado como uma das mais impactantes “notícias” sobre os sertões do Brasil, obra fundamental para a interpretação do conflito gerado pelo pessimismo a desigualdade social do sertão brasileiro, e também é um excelente ponto de partida para qualquer reflexão sobre as fluidas fronteiras entre história e ficção. Portanto, diante da sincronia da história com a ficção que constitui antiga preocupação e uma questão não resolvida para os leitores de Euclides, pretendemos reabrir essa questão aprofundando os estudos sobre a obra, destacando como os aspectos históricos e ficcionais que contribuem para o processo de construção da narrativa e compreensão da realidade do sertão brasileiro.

Para a efetiva realização desta monografia, reabrimos a questão do relacionamento entre história e ficção em *Os sertões*, a partir da conversa de autores a respeito de novas teorias do que vem a ser a textualidade da história e abordagem do texto literário, representativas do crescente interesse contemporâneo pelo histórico que, conforme lembra Nora (1989, p. 15), “transcende o círculo dos historiadores profissionais”, e do que se vem chamando de “a guinada histórica” nas ciências humanas.

A literatura nunca será um mero reflexo da história, ao contrário, o novo historicismo propõe que a história e a literatura se alimentem uma da outra, e são duas maneiras igualmente válidas de representar as relações sociais e históricas. Como explica Mullaney (1996, p. 163), o literário não é assim concebido nem como um campo estético nem como um produto cultural separado e separável um reflexo de ideias e ideologias produzidas em outro lugar, mas como um campo entre outros para a negociação e produção de significado social, dos sujeitos históricos e dos sistemas de poder que ao mesmo tempo abrem possibilidades para esses sujeitos, e as restringem.

O objetivo geral é analisar a escrita eclética de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, focalizando a complexa aliança entre a história e a ficção. Para isso, aprofundaremos os estudos nesse tema usando os fragmentos da obra para mostrar como que acontece essa ficção e história dentro do livro na construção da narrativa.

A metodologia utilizada é em uma abordagem pelo levantamento bibliográfico e qualitativo. Segundo, Almeida (2011, p. 12) o levantamento bibliográfico consiste: “(...) em uma construção de novos conhecimentos no âmbito acadêmico, comparando com a opinião de outros autores sobre o assunto abordado”. Também será de cunho

qualitativa, ou seja, uma abordagem de pesquisa que se concentra na compreensão profunda e contextualizada de fenômenos sociais, comportamentais, culturais, ideias e pontos de vista, explorando análises e interpretações subjetivas.

O primeiro capítulo da monografia intitulado O pré-modernismo de Euclides da Cunha, será apresentado inicialmente uma abordagem sobre o período literário em que a obra se insere. Dentro deste capítulo está presente dois subcapítulos: Autor e obra: caminhos e trajetórias (contextualização sobre a vida do autor e sua obra-prima *Os Sertões* mostrando alguns processos de composição do texto euclidiano, focalizando a Nota preliminar, “A Terra”, “O Homem” e “A Luta”); Um olhar sobre *Os Sertões* (reflexão sobre a escrita de Euclides do ponto de vista de teóricos).

O segundo capítulo apresenta uma sinopse sobre as teorias da história e ficção como aspectos utilizados por Euclides como contribuição para o processo de construção da narrativa e compreensão da realidade do sertão brasileiro. Também poderemos compreender que alguns aspectos, como o cientificismo e a historiografia, são usados pelo escritor como recursos para a construção da narrativa d'*Os Sertões*.

O terceiro capítulo traz *Os Sertões* em análise utilizando os fragmentos da obra. Esse capítulo é dividido em 5 subcapítulos em que serão analisados os seguintes itens: Natureza barroca; Analogia ao sertanejo; Personificação metafórica: natureza, homem e guerra (A natureza como metáfora do homem e A natureza e o homem como metáfora da guerra); Disparidade entre o homem da cidade e o homem do sertão; e por fim, Analogia entre Antônio Conselheiro e Moreira César.

Dessa forma, se faz necessário estudar os fenômenos relacionados ao controle e à manipulação do passado, no intuito de apresentar diferentes interpretações por meio da releitura. Assim, poder-se-á construir uma consciência histórica mais democrática, capaz de contribuir para uma sociedade mais íntegra e igualitária.

CAPÍTULO I

O PRÉ – MODERNISMO DE EUCLIDES DA CUNHA

O Pré-Modernismo é um período literário brasileiro que não chegou a constituir um movimento literário, iniciado em 1902 e finalizado em 1922, em que os livros dessa época apresentam nacionalismo e regionalismo, temas históricos e cotidianos, linguagem coloquial, ausência de idealização e crítica sociopolítica, apresentando características de transição entre o simbolismo e o modernismo. “Pode chamar pré-modernista (no sentido forte de premonição dos temas vivos em 22) tudo o que, nas primeiras décadas do século, problematiza a nossa realidade social e cultural” (Bosi, 1994, p. 306). Na Europa, o período que antecedeu ao modernismo foi marcado pela tensão política entre os países imperialistas e pelo surgimento dos movimentos de vanguarda. Já no Brasil, a Proclamação da República, o surgimento das favelas e a Guerra de Canudos são alguns fatos históricos que levaram os autores desse período a realizarem críticas sociais, econômicas e políticas em suas obras.

O grosso da literatura anterior à “Semana” foi, como é sabido, pouco inovador. As obras, pontilhadas pela crítica de “neos” – neoparnesianas, neosimbolistas, neo-românticas – traíam o marcar passo da cultura brasileira em pelo século da revolução industrial. No caso dos melhores prosadores regionais, como Simões Lopes e Valdomiro Silveira, poder-se-ia acusar um interesse pela terra diferente do revelado pelos naturalistas típicos, isto é, mais atento ao registro dos costumes e à verdade da fala rural; mas, em última análise, tratava-se de uma experiência limitada, incapaz de desvincilar-se daquele conceito mimético de arte herdado ao Realismo naturalista. Caberia ao romance de Lima Barreto e de Graça Aranha, ao largo ensaísmo social de Euclides, Alberto Torres, Oliveira Viana e Manuel Bonfim, e à vivência brasileira de Monteiro Lobato o papel histórico de mover as águas estagnadas da belle époque, revelando, antes dos modernistas, as tensões que sofria a vida nacional.

Por ser um período de transição, o pré-modernismo apresenta traços de estilos do século XIX, como: realismo, naturalismo, parnasianismo e simbolismo. Além disso, é marcado por um nacionalismo crítico, ou seja, sem idealizações românticas. O final do século XIX e início do século XX, na Europa, foi marcado pela competição entre as grandes potências em relação à expansão imperialista,

ou seja, a exploração econômica de países subdesenvolvidos. Isso gerou, portanto, um clima de tensão entre as nações dominantes e causou o crescimento de discursos nacionalistas que fomentavam essa rivalidade, desencadeando a Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

Já no Brasil, em 1889, ocorreu a Proclamação da República. A partir desse evento histórico, as grandes cidades do país iniciaram um processo de reestruturação do espaço urbano. O objetivo era eliminar as marcas da arquitetura portuguesa e, por extensão, do período monárquico. Assim, em cidades como o Rio de Janeiro, ocorreu o chamado “bota-abixo”. Como resultado dessa intervenção no espaço urbano, houve o deslocamento de pessoas pobres, que residiam em cortiços, para regiões periféricas. Surgiram, dessa forma, as favelas. Além disso, os escravos libertos, substituídos pela mão de obra europeia, estavam entregues à própria sorte, sem nenhuma ajuda para sobreviverem. Entretanto, em contraposição a essa miséria, o estado de São Paulo enriquecia com a cultura de café.

No Nordeste, o motivo da miséria era consequência da seca e neste contexto de desesperança, ganhou força a voz de um líder, o beato Antônio Conselheiro (1830-1897). Com suas profecias sobre o fim do mundo conseguiu juntar um grupo numeroso de seguidores, pessoas que, diante da realidade difícil, não tinham outro recurso a não ser recorrer à fé. Essa situação foi o que ocasionou a Guerra de Canudos (1896-1897).

É neste contexto marcado por disparidades sociais e conflitos políticos, que surgiu o Pré-modernismo. Não havendo mais espaço para idealizações, passou a ser uma missão para os autores desse período refletir em suas obras essa realidade, mostrando a realidade crua que estava o país. O Pré-Modernismo, portanto, desempenhou um papel fundamental como um momento de transição e preparação para as profundas rupturas estéticas e ideológicas que ocorreriam nas décadas seguintes.

1.1 Autor e Obra: Caminhos e Trajetórias

Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha nasceu em 20 de janeiro de 1866, em Cantagalo, Rio de Janeiro. Órfão ainda criança, foi educado por tios, vivendo parte de sua infância na Bahia. Finalizando o curso secundário, matricula-se na Escola Politécnica em 1884, mas, por motivos financeiros é obrigado a transferir-se para a

Escola Militar que então passava por uma fase de ardente positivismo republicano. Ainda cadete, Euclides num ato de apaixonada adesão à doutrina que recebera dos mestres, afronta o Ministro da Guerra que visitava a Escola, lançando fora o próprio sabre: é excluído do Exército e, confessando-se militante republicano, estava para ser submetido a Conselho de Guerra quando D. Pedro II lhe concede perdão. Segue para São Paulo e aí publica na Província de São Paulo uma série de artigos oposicionistas. Com a proclamação da República, reintegra-se no Exército e passa a alferes-aluno. Cursa, de 1890 a 1892, a Escola Superior de Guerra, formando-se em Engenharia Militar e bacharelando-se em Matemática e Ciências Físicas e Naturais. Dedica-se à profissão de engenheiro e trabalha na Estrada de Ferro Central do Brasil. Apesar da proteção de Floriano Peixoto, mantém poucos laços com o Exército. Julgada a revolta da Esquadra, em 1893, Euclides, embora florianista, manifesta-se pela necessidade de respeitar os direitos dos presos políticos; Floriano contrariado, afasta-o para Campanha em Minas Gerais (1894) e Euclides aproveita o repouso forçado estudando temas brasileiros.

Desliga-se em seguida do Exército e passa a trabalhar em São Paulo como Superintendente de Obras. Em 1897 passa a colaborar com o jornal *O Estado de São Paulo*: entre outras coisas, um artigo sobre Anchieta e comentários sobre os fatos de Canudos, que interpretava então como uma revolta insuflada por monarquistas renitentes (“A Nossa Vendéia”). Atuando como jornalista, o jornal manda-o como correspondente para acompanhar as operações que o Exército iria executar para destruir o “foco” na região de Canudos, no interior da Bahia. Euclides lá permanece, de agosto a outubro de 1897; de volta, põe-se a escrever *Os Sertões*, primeiro na fazenda do pai, em Descalvado, depois em S. José do Rio Pardo (1898-1901) para onde fora incumbido de reconstruir uma ponte. O livro, que é publicado em novembro de 1902, um relato histórico-ficcional sobre o Arraial de Canudos e a destruição de seu povo, alcança repercussão nacional: Euclides é aclamado membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e eleito para a Academia Brasileira de Letras (1903). Continuando a estudar os nossos problemas, compõe em 1904 vários artigos que reuniria mais tarde em *Contrastes e Confrontos*. Em 1905, o Barão do Rio Branco, seu grande admirador, designa-o para chefia da Comissão de Reconhecimento do Alto Purus. Passa na Amazônia todo esse ano: fruto dessa viagem é o Relatório sobre o Alto Purus, publicado em 1906; no ano seguinte escreve, sobre uma questão de fronteiras, Peru versus Bolívia.

Desejando ingressar no magistério oficial, faz, em 1909, concurso para a cadeira Lógica do Colégio Pedro II, concorrendo com Farias Brito que, apesar de mais feliz nas provas, é preterido. Euclides assume as aulas, mas por pouco tempo: em um desforço, em que se empenhara por questões de honra, morre assassinado em 15 de agosto de 1909, aos 43 anos de idade. Além de *Os Sertões*, também publicou outras obras: *A guerra no sertão* (1899), *Peru versus Bolívia* (1907), *Contrastes e Confrontos* (1907), *À Margem da História* (1909), *Canudos* (*Diário de uma Expedição*) (1939), e outros.

Os Sertões, obra-prima de Euclides, foi a que lhe deu notoriedade, fruto das reportagens escritas para *O Estado de São Paulo* no término da Campanha de Canudos, ocorrida na Bahia, 1897, publicado pela primeira vez no Rio de Janeiro, em 1902. O intuito principal da obra é narrar a guerra de Canudos ocorrida entre 7 de novembro de 1896 – 5 de outubro de 1897. A obra apresenta a nota preliminar e logo após divide-se em três grandes partes: A Terra, O Homem e A Luta. Essa divisão do livro explicita a visão de Euclides sobre o homem, que para ele, seríamos fruto antes de tudo da natureza. A obra de Euclides da Cunha pode ser observada como resultante de seus esforços de jornalista, mas que ganhou notoriedade como crônica, aclamada entre literatos, transformando-se também em rica fonte para a história da Primeira República nos sertões do Brasil.

Euclides da Cunha nas palavras de abertura de sua obra, aponta a motivação inicial para seu trabalho: “Escrito nos raros intervalos de folga de uma carreira fatigante, este livro, que a princípio se resumia à história da Campanha de Canudos, perdeu toda a atualidade, remorada a sua publicação em virtude de causas que temos por escusado apontar” (Cunha, 2020, p. 5). Portanto, podemos observar através desse primeiro parágrafo que, desde que saiu do Rio de Janeiro em direção a Salvador como enviado do jornal *O Estado de São Paulo*, Euclides já tinha interesse em fazer das informações coletadas naquela região uma história do conflito entre os conselheiristas e o Exército. Quando Euclides da Cunha toma da pena para escrever *Os Sertões*, sua intenção não é produzir uma obra ficcional, ao afirmar “Intentamos-nos esboçar, palidamente embora, ante o olhar de futuros historiadores, os traços atuais mais expressivos das sub-raças sertanejas do Brasil.” (Cunha, 2020, p. 5). Euclides já no terceiro parágrafo se situa firmemente na tradição historiográfica, enquanto no sexto confessa sua crença numa impessoal “força motriz da história”.

Na primeira parte, “A Terra”, o autor da ênfase a descrever o sertão calcada na erudição científica em voga no tempo, consta de um apanhado geral da zona das secas e de suas causas possíveis. Euclides faz um apanhado da geologia, fauna e flora sertanejas, embasado em suas observações no próprio local e na obra de naturalistas e geólogos nacionais e estrangeiros, e numa linguagem científica, porém absorvente, dado o tom fatalista que a permeia. A natureza aqui tem um caráter antropomórfico, advindo sua aridez e tortuosidade mais da personalidade angustiada do autor do que da realidade que pretendia retratar.

Na segunda parte, “O Homem”, baseada na ideia do conhecimento do meio e da herança, estuda-se a gênese do jagunço, o sertanejo nordestino mediante a história de sua formação étnica, descreve o sertanejo a partir de uma visão determinista, atrelada ao naturalismo, o qual defende que o meio exerce influência sobre o indivíduo, mas, por outro lado, ele também mostra a influência que o indivíduo exerce sobre o meio. Euclides se apropria da antropologia física do período com todos os seus conflitos sociais, políticos e psicológicos; ainda que em alguns trechos deixe antever sua aproximação com o historicismo.

Um dos alvos principais nessa parte é entender a figura paradoxal de Antônio Vicente Mendes Maciel, o Antônio Conselheiro, líder religioso de uma multidão de fanáticos reunida em Canudos. A análise da sua personalidade histórica também é feita segundo as teorias naturalistas. Antônio Conselheiro nasceu em 13 de março de 1830, na cidade de Quixeramobim, um pequeno povoado perdido em meio à caatinga do sertão central da paupérrima província do "Ceará Grande". Seus pais queriam que Antônio segue a carreira sacerdotal, pois entrar para o clero era naquela época uma das poucas possibilidades que as pessoas sem condição econômica tinham para estudar e ascender socialmente. Sua mãe morre em 1834, com isso, a meta de transformar Antônio Vicente em padre teve seu fim. Em 1855 morreu o pai de Antônio, e aos 25 anos de idade ele abandonou os estudos e assumiu o comércio da família, o que malogrou de vez quaisquer sonhos sacerdotais.

Em 1857, Antônio casou-se com a filha de um tio, a jovem Brasilina Laurentina de Lima. No ano seguinte, o casal mudou-se para Sobral, onde Antônio Vicente passou a viver como professor do primário, dando aulas para os filhos dos comerciantes e fazendeiros da região. Mudou-se constantemente em busca de melhores mercados para seus ofícios; primeiro foi para Campo Grande (atual Guaraciaba do Norte), depois Santa Quitéria e finalmente Ipu, então um

pequeno povoado localizado na divisa entre os sertões pecuaristas e a fértil Serra da Ibiapaba. Em 1861 flagra a sua mulher em traição conjugal com um sargento de polícia, em sua residência na Vila do Ipu Grande. Sentindo-se envergonhado, humilhado e abatido, abandonou o Ipu e foi procurar abrigo nos sertões dos Cariris, já naquela época um polo de atração para penitentes e flagelados, iniciando aí uma vida de peregrinações pelos sertões do nordeste.

O narrador culpa a esposa de Conselheiro pelo seu “desequilíbrio”, que chega ao ápice quando ela foge com o policial. Foi o líder do movimento de Canudos, que ocorreu no final do século XIX, na Bahia. Por ser um líder religioso, atraía muitos seguidores, promovendo uma comunidade que desafiava a ordem social e econômica da época. O conflito culminou na Guerra de Canudos, em que o governo brasileiro enviou forças para reprimir a comunidade, resultando em grande violência e um alto número de mortes, inclusive a morte do Conselheiro. A história de Antônio Conselheiro e Canudos é um reflexo das tensões sociais do Brasil daquela época. É frequentemente vista como um símbolo da luta contra a opressão e a resistência dos marginalizados, que continuam a ser estudados como um importante capítulo na história do Brasil.

Na terceira parte, “A Luta”, discorre sobre o longo e doloroso confronto entre o incipiente exército brasileiro, as forças do governo, e a comunidade de Canudos liderada por Antônio Conselheiro, os expedicionários não saem vitoriosos, e o conflito se estende. A partir daí, o narrador vai dando detalhes da guerra e fazendo análises das táticas das forças do governo. Euclides da Cunha descreve a brutalidade da guerra e as condições enfrentadas pelos habitantes de Canudos, além de examinar a motivação e a resistência dos sertanejos. Narram-se os sucessivos combates que demandou quatro expedições, levando ao extermínio dos jagunços pelas tropas federais.

A narrativa destaca a desumanização e o sofrimento dos moradores, retratando a luta como uma expressão de resistência cultural e social contra um Estado que se via como superior. Euclides também analisa os aspectos sociais e políticos que levaram à formação da comunidade de Canudos, apresentando uma crítica à sociedade da época e suas injustiças. A luta é vista não apenas como um confronto físico, mas como uma batalha entre modos de vida e valores diferentes.

A Guerra de Canudos, entre os episódios bélicos internos do Brasil, é o que maior repercussão alcançou ao longo dos tempos. Repercussão que virou a curva de

dois séculos e cruzou as fronteiras do país. O episódio desperta um interesse abrangente, para o qual se voltam as mais diversas áreas do saber e do fazer humanos, entre as quais, as artes plásticas e a literatura. Esta diversidade de interesses deve-se à complexidade dessa história. A Guerra de Canudos transcende o estatuto de luta armada, ao que à princípio deveria circunscrever-se, para instaurar-se como fenômeno germinador.

O livro foi o precursor das ciências sociais no Brasil, fortalecendo, de fato, a sua especialização na década de 1940, enfatizando a pesquisa e a conjectura científica. Desse modo, estudar a historiografia se faz premente, analisar os acontecimentos políticos, econômicos e sociais é fundamental para compreender o tempo presente e o processo de desenvolvimento da sociedade. Assim, conhecer os meandros do massacre ocorrido em Canudos, entender as causas e consequências daquele genocídio é mais do que necessário. *Os Sertões* é uma narrativa de reconstrução do passado, uma mistura de ciência e arte, um retrato da miséria, da fome, da sede, da violência e da insanidade da guerra no Sertão da Bahia.

1.2 Um olhar sobre *Os Sertões*

Euclides da Cunha esforçando-se ao máximo a fim de colher o real, trouxe para muitos leitores uma face ainda desconhecida: a face trágica que contemplamos em *Os Sertões* da maneira que é detalhada pelo escritor. Deteve o olhar na matéria e nos determinismos raciais que o século XIX lhe ensinara aceitar sem reservas. Em *Os Sertões* é moderna a ânsia de ir além e desvendar o mistério das origens da terra e do homem brasileiro utilizando as armas da ciência e da sensibilidade a seu favor. Em sua escrita existe a paixão do real que transborda dos quadros do seu pensamento classificador, e uma paixão da palavra que dá concretismo relevos aos momentos mais áridos da sua engenharia social, como aponta Bosi:

Pode-se apontar no Euclides manipulador do verbo o contemporâneo de Rui e de Coelho Neto, o leitor intemperante do dicionário à cata do termo técnico ou precioso. Mas é na semelhança que repontará a diferença: onde o orador loquaz e o palavroso literato buscavam o efeito pelo efeito, o homem de pensamento, adestrado nas ciências exatas, perseguia a adequação do termo à coisa; e a sua frase será densa e sinuosa quando assim o exigir a complexidade extrema da matéria assumida no nível da linguagem (Bosi, 1994, p. 308).

Segundo Bosi (1994, p. 309), o moderno na escrita de Euclides está na seriedade com as palavras. Contrariamente ao vício decadentista de jogar com os sons e as formas à deriva de uma sensualidade fácil. Apreende-se melhor esse traço aproximando a tragédia de *Os Sertões* do romance da seca e do cangaço de anos de 30. Mais despojada no seu léxico, a ficção de um Lins do Rego e de um Graciliano Ramos tem mais pontos de contato com o duro e veraz espírito euclidiano que a maioria dos romances e contos regionais e neofoclóricos do começo do século, repuxados para o pitoresco ou para o piegas. Esta obra singular é de um escritor comprometido com a natureza, com o homem e com a sociedade. Se faz necessário ler sem a menor intenção de classificá-la em um determinado gênero literário, o que resultaria em prejuízo paralisante e sem êxito. Ao contrário disso, essa abertura a várias perspectivas é o modo próprio de enfrenta-lo, o que torna ainda mais atrativo, pois permite ao leitor conhecer diversos campos através da leitura dessa obra.

A descrição detalhada da terra, do homem e da luta situa *Os Sertões* no nível da cultura científica e histórica. Situando a obra na evolução do pensamento brasileiro, sobre isso diz Antônio Cândido:

Livro posto entre a literatura e a sociologia naturalista, *Os Sertões* assinalam um fim e um começo: o fim do imperialismo literário, o começo da análise científica aplicada aos aspectos mais importante da sociedade brasileira (no caso, as contradições contidas na diferença de cultura entre as regiões litorâneas e o interior) (Cândido, 1965, p. 160).

É interessante destacar que essa tríade não aparece isolada no texto. Uma parte faz referência à outra, bem como se complementam. Já no início do livro, o autor começa descrevendo o lugar, a vegetação e a natureza, mostrando-as sempre como aliadas do sertanejo, defendendo “ao passo que as caatingas são um aliado incorruptível do sertanejo em volta” (Cunha, 2020, p. 241), e chega a entrar na luta ao abrir trilhas para o sertanejo que nasceu e cresceu naquele lugar, armando-se para o combate. Percebe-se que essa participação da natureza no combate é essencial para que o sertanejo consiga, em muitos momentos, superar as forças do exército.

Os Sertões é um livro de paradoxos entre ciência e paixão, análise e protesto, que assistiu à gênese daquelas páginas em que alternam a certeza do fim das “raças retrógradas” e a denúncia do crime que a carnificina de Canudos representou. O pensamento de Euclides voltou-se naturalmente para os conflitos violentos. Foi dessa forma que as imagens de Antônio Conselheiro e de seus seguidores esmagados pelas

“raças do litoral”, considerados mais resistentes, entraram em sua consciência e em sua sensibilidade, apoderando-se delas para sempre e exigindo uma expressão igualmente forte.

O livro é uma “formidável enciclopédia” (Galvão, 2009, p. 34) ao abranger vastas noções de antropologia, psicologia social, folclore e religião. Ele comporta diversas teorias que explicam as causas da seca na região nordestina e a situação de descaso e abandono por parte do governo. Narra um movimento sertanejo confrontado pelo governo, tendo como seu representante as forças armadas e uma luta entre civilização e barbárie.

N’Os Sertões, é feita uma associação do homem, do meio social e da natureza que promove um debate entre as distintas áreas do conhecimento e suas relações. Constrói-se um elo entre elas e se adota um novo olhar para as questões sociais, políticas e econômicas do Brasil. Incontáveis definições da região sertaneja e a sua relação com a sobrevivência do homem estão explícitas e implícitas no livro. Entre uma metáfora e outra, o escritor descreve, insistentemente, a botânica da região, narrando a estranheza que aquela natureza causa aos recém-chegados: “vimos como a natureza, em roda, imita-lhe o regime brutal” (Cunha, 2020, p. 54), provocando espanto e medo aos invasores daquela terra ignota, assim chamada por ele.

O escritor apresenta minuciosamente o Sertão brasileiro até chegar aos traços daquele povoado triste e decadente, que reluta contra uma paisagem morta, repleta de galhos secos e circulares que “esta, por sua vez, de perto, perde parte do encanto” (Cunha, 2020, p. 256). Por meio d’Os Sertões, percebe-se que “a natureza prefigura então o embate entre o poder central e os sertanejos” (Santana, 2001, p. 109), acontecendo uma espécie de luta do Brasil contra Canudos, “firmara-se, de então, a derrota dos fanáticos” (Cunha, 2020, p. 259).

A obra é uma longa narração, no entanto, Euclides não almejou se limitar apenas a retratar o conflito que ficou gravado em seu pensamento, mas quis dar uma introdução objetiva sobre o meio e o homem do sertão. Os aspectos científicos que se fizeram e que ainda se possam fazer a essas partes introdutórias competem ao geografo, ao etnólogo e ao sociólogo; a área da literatura cabe verificar o quanto de subjetividade, de Euclides, se infiltrou nessas páginas de intenção analítica, que conforme Bosi:

É a mão do sofrimento que vai recortando a orografia dos chapadões e dos montes baianos; é uma voz rouca e abafada que vai contando os efeitos da estiagem inclemente; são os olhos do espanto que vão fixando o caminho do fanatismo, da loucura e do crime trilhado pelo Conselheiro e por seus jagunços (Bosi, 1994, p. 310).

Se estilo significa escolha, opção consciente, além de “vontade de exprimir”, então não restam dúvidas sobre a visão dramática do mundo que Euclides pretendia comunicar aos leitores. A expressão “barroco científico”, a qual já se procurou batizar a sua linguagem, indica-lhe a essência, se em “barroco” visualizamos, antes de mais nada, um conflito interior que se quer resolver pela aparência, pelo jogo de antíteses, pelo martelar dos sinônimos ou pelo paroxismo do clímax.

O barroquismo científico de Euclides da Cunha em *Os Sertões* se manifesta na linguagem rica e elaborada que ele utiliza para descrever a realidade social, política e natural do sertão. Esse estilo se caracteriza por frases longas, metáforas complexas e uma estrutura densa, que refletem a profundidade de suas observações e análises. Cunha combina uma prosa poética com um rigor científico, empregando termos técnicos e referências eruditas para explicar fenômenos sociais e naturais. Essa fusão de arte e ciência permite uma compreensão mais ampla do sertão, apresentando suas contradições e nuances de forma impactante. O barroquismo também se revela na forma como ele explora a dualidade entre a civilização e a barbárie, utilizando contrastes e antíteses que enriquecem a narrativa. Esse estilo, portanto, não apenas embeleza o texto, mas também serve para aprofundar a análise crítica das condições de vida no Brasil rural do século XIX.

A visão de Euclides da Cunha sobre o sertão em sua obra é multifacetada e profunda. Ele descreve o sertão não apenas como um espaço geográfico, mas como um ambiente cultural e social complexo, marcado por condições extremas e a luta pela sobrevivência. Cunha vê o sertão como um lugar de resistência e força, onde o povo sertanejo é moldado pelas dificuldades do ambiente, desenvolvendo uma identidade própria, caracterizada pela coragem e pela adaptação. Ao mesmo tempo, ele critica a percepção da elite urbana, que tende a ver o sertanejo como bárbaro e ignorante. Além disso, Euclides aborda a relação entre a natureza e o homem, ressaltando a beleza e a brutalidade do sertão. A paisagem sertaneja é descrita com um lirismo intenso, refletindo tanto sua dureza quanto sua riqueza cultural. Essa visão complexa do sertão revela um profundo entendimento da realidade brasileira, fazendo

de *Os Sertões* uma obra seminal, principalmente, no campo da literatura e da sociologia do país.

Vemos um litoral “revolto”, “riçado de cumeadas” e “corroído de angras e escancelando-se em baías, repartindo-se em ilhas, e desagregando-se em recifes desnudos, à maneira de escombros do conflito secular que ali se trava entre o mar e a serra”. Mais além, o “tumultuar das serranias”, os “leitos contorcidos, vencendo, contrafeitos, o antagonismo permanente das montanhas”. O flagelo das secas propicia ao escritor os momentos ideais para pintar com palavras de areia, pedra e fogo o sentimento do inexorável. Desfilam paisagens comburidas e adustas, mas não mortas, pois o escritor soube traduzir a agonia das plantas fugindo ao calor em batalha surda e tenaz. É a tônica do conflito, que se repetirá na luta do sertanejo contra o meio e, em outro plano, na resistência indomável dos jagunços à invasão dos “brancos” litorâneos.

Augusto Meyer ilustrou em uma de suas sínteses esse caráter conflituoso do espírito e do estilo euclidiano:

O jogo antitético percorre uma escala inteira de variações. O famoso oxímoron Hércules-Quasímodo daquela página que tanto nos impressionava no ginásio não é exemplo muito raro em Euclides: pertencem à mesma família paraíso tenebroso, sol escuro, tumulto sem ruídos, carga paralisada, profecia retrospectiva, medo glorioso, construtores de ruínas, etc. Pode-se escudar numa construção paralógica: os documentos encontrados em Canudos “valiam tudo porque nada valiam”; a cidadela “era temerosa porque não resistia” ou “rendia-se para vencer” (Meyer, 1956, p. 310).

Apesar de retratar o sofrimento do sertão e da guerra, não se vê no autor de *Os Sertões* um pessimista míope, afeito apenas a narrar desgraças inevitáveis de homens e de raças, incapaz de vislumbrar alguma esperança por detrás da luta pela vida de um determinismo sem matizes. Quem julgou o assédio a Canudos um crime e o denunciou era, moralmente, um rebelde e um idealista que se recusava, porém, ao otimismo fácil. As lições de fatalismo étnico-biológico, que lhe dera seu mestre, o antropólogo Nina Rodrigues, não ocupavam dogmaticamente os quadros do seu pensamento. Além disso, o trato direto com as condições sociais do sertão inclinava-o a superar o mero formalismo jurídico de nossa Primeira República. Não podendo, por outro lado, o seu forte senso de liberdade aceitar qualquer forma autoritária de governo (v. as descrições dos regimes ditoriais em “O Kaiser” de *Contrastes e Confrontos*), aproximava-se politicamente do socialismo democrático. Seria essa a

ideologia de Euclides, segundo observações pertinentes de Gilberto Freyre e, sobretudo, de Franklin de Oliveira.

Com o desbravar do Sertão, o autor adquire diferentes impressões. Surgem novas representações e conceitos que, antes, existiam apenas por meio de mapas e estudos teóricos. Após adentrar ao Sertão são modificados por meio do empirismo. A terra já não é mais uma terra qualquer: é uma terra protetora, com sua flora resistente que luta constantemente contra o clima e o calor escaldante do Sertão, “daí a impressão dolorosa que nos domina ao atravessarmos aquele ignoto trecho de sertão” (Cunha, 2020, p. 52), sendo considerado quase um deserto.

Portanto, percebe-se que além d’*Os Sertões* fazer “uma escamaruça científica” (Nascimento; Facioli, 2003, p. 57), essa obra concebe um estudo geológico do Sertão, explicando as influências do meio físico sobre a vida do sertanejo. A investigação realizada por Euclides da Cunha foi previamente anotada em sua *Caderneta de campo*, contendo dados e informações sobre a topografia da região nordestina, o clima, a vegetação, os hábitos dos sertanejos, entre tantas outras referências relevantes, que incluem, ainda, inúmeros testemunhos de pessoas que presenciaram a guerra, foi uma forma de preservação da memória brasileira.

CAPÍTULO II

HISTÓRIA E FICÇÃO

A relação íntima que une literatura e história estão no centro de debates da atualidade e apresentam-se no bojo de uma série de constatações relativamente consensuais que caracterizam a nossa contemporaneidade na transição do século XIX para o XX. Antes de executar qualquer trabalho de análise do tipo que nos propomos, é preciso considerar que tanto os relatos históricos quanto as interpretações literárias constituem-se como tentativas de abordar um dado fenômeno da realidade.

A história são os fatos ocorridos ao longo dos tempos, o ser humano, como sempre, sentiu necessidades de expressar seus sentimentos, encontrando na literatura uma arte na qual pudesse manifestar suas opiniões, desejos, frustrações, etc. Visto que a literatura é uma arte verbal, em que o autor dotado de uma percepção aguçada, vive, observa, questiona, sente seu espaço, em função disso, tem um poder imensurável para captar a realidade através dos sentimentos. Usando sua imaginação criadora faz a leitura sensível do real, portanto, ressignificando a realidade, reelaborando uma nova realidade por intermédio de uma linguagem diferenciada, pela ornamentação, escolha e seleção criativa dos códigos linguísticos.

Como aponta Pimentel e Pimentel (2023, p. 6), muitos estudos são realizados na tentativa de explicar a estreita relação que há entre história e ficção. Isso ocorre porque a História diz respeito a todo o universo de acontecimentos que envolvem o homem em sociedade, e a ficção procura representar os fatos históricos reconstruindo-os pela imaginação criadora do autor.

A literatura vai além de um mero fenômeno estético, podemos comprehendê-la como uma manifestação cultural que possibilita o registro do movimento que realiza o homem na sua historicidade, por meio dos seus anseios e visão de mundo, tem permitido ao historiador assumi-la como espaço de pesquisa. Esse mesclado entre história e ficção tem se intensificado tanto, que somente por meio dos sentidos criados por elas para explicar um dado fato histórico em determinado tempo, é que seja possível caracterizar cada uma delas. Em relação a isso, Salienta Trouche (2006, p. 41) [...] entende serem a escrita da história assim como da literatura, antes de mais nada, discursos. Ficção e história constituem sistemas de significação pelos quais

damos sentido ao passado. Nesse viés, percebe-se que uma complementa a outra para que possa a partir disso, constituir uma narrativa e dar sentido ao passado.

As teorias do teórico e crítico norte-americano, Hayden White (1978, 1973) representam um inquestionável ataque ao mito da objetividade da história, corporificado na obra de Leopold von Ranke (1790-1886), a qual a tarefa do historiador seria representar o passado “como realmente aconteceu”. Para White, esse ideal de completa objetividade da história não podia passar de uma falácia, já que qualquer reconstrução do passado é um ato interpretativo, dependendo de escolhas morais e estéticas do historiador.

Hayden White (1992, p. 30) em *Meta-história* (edição em português) aproxima a história da ficção ao caracterizar a narrativa historiográfica como uma ficção verbal, não encontrada, mas inventada. Ele propõe, além disso, que os eventos históricos não constituem automaticamente a história, mas são transformados na história pelo historiador, através de técnicas análogas àquelas utilizadas pelo ficcionista. É por isso que ao interpretar o mesmo evento um historiador pode representá-lo tragicamente, enquanto outros podem representá-lo cômica, romântica ou satiricamente.

Historiografia, termo composto a partir dos termos “história” (que vem do grego e significa *pesquisa*) e “grafia” (que também vem do grego e significa *escrita*). Sendo assim, como o próprio nome já contém o sentido mais claro da expressão: o registro escrito da História, dos eventos do passado, uma pesquisa que precisa de uma forma escrita, de uma narrativa. Para Ferreira (2004, p. 42), a historiografia é “a arte de escrever a história” ou “o estudo histórico e crítico acerca da história ou dos historiadores”.

Em outras palavras, a forma da narrativa historiográfica não é intrínseca aos eventos descritos, mas depende das escolhas feitas pela atividade mediadora do historiador ao constituí-los. Assim, para comunicar os eventos do passado, a história se serve de uma estrutura discursiva e de técnicas narrativas, tais como o enredo. A narrativa histórica não é uma reprodução transparente dos eventos do passado, mas uma estrutura simbólica que explora as analogias entre os eventos reais e as estruturas convencionais que usamos em nossas ficções.

A escolha de uma perspectiva histórica, inclusive o próprio desejo de tornar a história científica, representa uma decisão que é mais estética ou moral do que epistemológica. Hayden White (1992, p. 30), rejeita como artificial a distinção tradicional entre a ficção como a narrativa do que é imaginado e a história como

narrativa do que realmente aconteceu, porque para ele nosso conhecimento do real humano passa sempre pelo imaginário. White propõe que o ato de transformar o passado em história é fundamentalmente um ato poético, o que não permite ao historiador assumir uma perspectiva completamente neutra ou objetiva. À vista disso, conclui polemicamente que o problema atual da história como disciplina é ter perdido a consciência dos seus laços com a literatura ao se pretender científica e objetiva. Muitos historiadores produzem textos utilizando a textualidade da história, e estabelecendo paralelos entre as narrativas ficcionais e as narrativas históricas, tais como a invenção de personagens e a construção da temporalidade e da causalidade.

Canonizado como uma das obras-primas da literatura universal, talvez a maior do Brasil, *Os Sertões* nasce tomando partida o desencanto de Euclides com a jovem República. Ao cobrir as notícias para o jornal *O Estado de São Paulo* o cerco à localidade sertaneja, o autor foi se inteirando aos poucos de um Brasil que era desconhecido, um mundo mítico que se contrapunha em todos os sentidos ao urbanismo decantado pelos republicanos, mas que Euclides com sua sensibilidade extrema, logo se dava conta das profundas contradições. É com isso que surge o tom de denúncia em sua obra, nascida do objetivo de desmascarar os pressupostos purificadores veiculados pela república ao dizimar Canudos.

Contudo, o livro pode ser explorado para além de seu conteúdo factual, com o objeto cultural específico que carrega em si um universo de percepções, conhecimentos e contradições, altamente expressivo da sensibilidade e dos dilemas de seu tempo. A obra traz consigo um desafio simultâneo, tanto para os historiadores como para o leitor comum. Um leitor bem-sucedido que, depois de cruzar um semiárido de paradoxos, preciosismos vocabulares, termos científicos, arcaísmos e imagens barrocas, chegue à última frase d'*Os Sertões* ansioso por um sentido final pode decepcionar-se de vez ao encontrar o desfecho centrado na premissa que venceu o bem, representado pela farsa da justiça republicana.

Euclides, dotado de um imenso estoque de conhecimento o qual consegue manipular para a composição dessa monumental obra, é possível definir o seu texto a partir de um adjetivo: cientificista. Através de uma análise mais aguçada é capaz de perceber, na produção intelectual de Euclides da Cunha, uma visão da história marcada por um indelével fundo romântico, perceptível na representação dramática da natureza e do tempo histórico, no discurso socialmente engajado, na recorrente

imagética das ruínas. Assim, acaba saindo da linguagem objetiva entrando no plano da subjetividade para explicar cientificamente as causas da guerra e oscilando quando sai do plano de descrição científica e entra no campo poético para explicar a relação de causa com o outro.

Para Pimentel e Pimentel (2023, p. 4), no caso d'*Os Sertões*, foi construída sobre esta base uma sólida criação científica na qual o autor inseriu-se em um vivo debate acerca dos rumos da sociedade brasileira no início do período republicano. O fato é que, se o leitor atual enfrenta inúmeras dificuldades de reconhecer as questões postas em discussão, e materializadas em conceitos anacrônicos, termos técnicos e científicos, autores e livros hoje pouco conhecidos, supõe-se que aqueles que primeiro se defrontaram com a obra, ou seja, o público culto a quem escritor se dirigia e com o qual debatia, compartilhava com o escritor um universo mental que uma leitura historiográfica de *Os Sertões* pode ajudar a reconstituir.

Em outras palavras, Euclides da Cunha em sua obra-prima, realizou um trabalho com fontes de cunho historiográfico, baseado em seu arcabouço teórico scientificista. Conseguiu produzir uma narrativa onde a história, um fato real que desencadeou no nordeste brasileiro, consegue entrelaçar com a ficção através de sua escrita em uma obra literária. *Os Sertões* não se encaixa em nenhum gênero definido, possuindo um misto de reportagem, libelo político, história, retrato geográfico-antropológico e ficção. Essa obra perene ainda nos encanta com sua escritura apaixonada e tortuosa e seu sentido pleno de tragicidade onde realidade e arte literária se misturam em um balançado estético e artístico que somente a mente de um gênio como Euclides poderia produzir.

A coexistência em *Os Sertões* do scientificismo com a literariedade, ou mais especificamente da história com a ficção, constitui antiga preocupação e uma questão não resolvida para os leitores de Euclides da Cunha. O ecletismo de *Os sertões* parece incomodar muitos críticos, embora o próprio Euclides (1996, II, p. 621) houvesse afirmado em carta a José Veríssimo que "o escritor do futuro será forçosamente um polígrafo; e qualquer trabalho literário se distinguirá dos estritamente científicos, apenas, por uma síntese mais delicada, excluída a avidez das análises e das experiências".

Com a excessão de Bernucci (1995, p. 20), cujo ensaio enfatiza a interpenetração de um lastro historiográfico e científico com "as inserções provindas do imaginário", e de Andrade (1960, p. 314), que afirma ser *Os sertões* "livro

inclassificável, indefinido entre os gêneros", os estudiosos citados parecem estar excessivamente preocupados em tentar estabelecer limites precisos entre os elementos supostamente literários e não-literários do livro de Euclides. Essa tentativa mostra que partem ainda de uma concepção fechada e exclusivista do que é história e do que é ficção, operando, conscientemente ou não, dentro de paradigmas herdados do século XIX, sobre os quais o próprio Euclides levantou dúvidas.

Os Sertões, escrito como um testemunho da história, acaba por envolver um emaranhado de fabulações. Seu conteúdo historiográfico e científico tem como consequência a forte ligação com a imaginação usada para narrar os fatos. Isso pode ser observado a partir do uso flexível dos conceitos, de encenações dotadas de intenso simbolismo religioso, do traçado de trajetórias no espaço geográfico, da criação de genealogias sociais, da concepção de formas de vínculo entre os grupos humanos e seu ambiente, do privilégio do paradoxo e do oximoro (palavras de sentidos opostos são combinadas de modo a parecerem contraditórias, mas que reforçam a expressão). Este discurso do conhecimento e do convencimento implica na manipulação de elementos comuns à história e à literatura para a criação de uma realidade textual que pertence a ambas, como narrativas dotadas de uma inteligibilidade que organiza o real de modo verossímil.

Euclides registrou em seu livro toda uma base de interpretação de sua realidade nacional – ele mostrou as contradições de sua época, assim como as suas próprias de homem letrado brasileiro de final do século XIX e início do XX, empenhado em estabelecer uma identidade sociocultural para o Brasil – mas não fechou esta interpretação por causa de sua insuficiência ao tentar resolver impasses teórico-epistemológicos recorrentes na sua atividade de historiar, e de fazer ciência sobre o sertão e o sertanejo.

N'*Os Sertões*, narra-se a destruição de Canudos e a forma cruenta que levou à morte milhares de sertanejos que viviam naquele arraial. Os canudenses não enfrentaram somente os massacre e a degola, mas também suportaram os maus-tratos praticados pelo exército, cujas ações eram marcadas pela violência e impiedade. Muitos foram feitos prisioneiros, sendo arrastados, judeados, ficando exaustos e em estado deplorável, conforme explica o escritor. Durante os relatos, Euclides da Cunha descreve incontáveis cenas daquele genocídio: "sobre a tragédia anônima, obscura, desenrolando-se no cenário pobre e tristonho das encostas

eriçadas de cactos e pedras, cascalhavam rinchavelhadas lúgubres, e os matadores volviam para o acampamento" (Cunha, 2020, p. 534). Foi um grito de protesto. Os fatídicos acontecimentos foram consequências do confronto entre militares e sertanejos, em que os primeiros brigavam por causa de soberania e os segundos, pelo fim da alta cobrança de impostos.

Por meio da interdisciplinaridade, Euclides da Cunha explica os fatores ocorridos em Canudos, ao fazer uso de elementos científicos e literários para elucidar a guerra. A narrativa historiográfica tem o compromisso de entender os fatores e processos responsáveis pelas transformações históricas, sociais e explicar as causas das modificações mediante a outros fatores ideológicos, econômicos e políticos. Portanto, por meio dessa estratégia metodológica, o escritor promoveu, com sua narrativa, um novo olhar sobre os acontecimentos da Guerra de Canudos, encontrando marcas de uma atividade científica não exploradas pela historiografia tradicional. Nesse sentido, Euclides da Cunha recorreu a arte, "procurando fixar e entender seus diversos liames com a ciência" (Nascimento, 2011, p. 14), reproduzindo uma sentença científica por meio de um texto literário, expressando sentimentos de forma mais intensa, chamando a atenção do leitor para a gravidade dos fatos ocorridos no Sertão brasileiro.

Os Sertões é, acima de tudo, um debate sobre a nacionalidade brasileira, que narra a realidade daquela "rude sociedade, incompreendida e olvidada, (que) era o cerne vigoroso da nossa nacionalidade" (Cunha, 2020, p. 121), responsabilizada pelos atrasos do Brasil. Euclides da Cunha analisa a mistura entre brancos, índios e negros e faz uma analogia ao granito, que provém uma mistura de três minerais. Ele denomina o sertanejo como "rocha viva da nossa raça" (Cunha, 2020, p. 562). O autor explica que a cadeia evolutiva profusora das separações de raças proporciona à raça branca o lugar de privilégio, pois "todo elemento étnico forte 'tende a subordinar ao seu destino o lamento mais fraco ante o qual se acha'" (Cunha, 2020, p. 130), universalizando sua cultura e seus costumes ao promover uma cegueira por parte da sociedade dominante, obscurecendo então a existência e importância das demais raças brasileiras, esmagando-as pela civilização.

CAPÍTULO III

OS SERTÕES EM ANÁLISE

Neste trabalho, o nosso objetivo principal é fazer uma análise da escrita eclética, em que história e ficção se entrelaçam, mostrando que mais que a tentativa científica de explicar os fatos, existe um envolvimento poético por trás da narrativa, ou seja, Euclides utiliza uma escrita poética na representação do sertão. A todo momento percebe-se na leitura da obra que o narrador coloca a natureza como papel fundamental. Ela assume características poéticas que constrói uma ideia metafórica do sertanejo e da guerra. Como narrador, Euclides coloca o sertão como um recurso literário ao invés de se preocupar apenas com a descrição científica da natureza. Queremos mostrar que muito mais que a tentativa científica de explicar a guerra, existe um envolvimento poético por trás da narrativa.

Além de ser um livro para ser discutido por geólogos, historiadores e cientistas, ele também apresenta traços poéticos que possibilita aprofundarmos nossa pesquisa na área da literatura. Ao contrário do que se possa pensar, a narrativa também é capaz transmitir sensibilidade poética aos leitores.

Como já mencionado, a obra *Os Sertões*, por ter sido escrita em um período de transição, o pré-modernismo, ainda encontramos traços de movimentos que tanto o antecede, como o barroco, realismo, naturalismo, simbolismo, e também o sucede, no caso do movimento literário Modernismo. Dentro desta análise teremos cinco subcapítulos. No primeiro analisaremos a relação do livro com a arte barroca, tendo em vista que o espaço descrito por Euclides apresenta traços semelhantes ao daquele movimento, algumas das figuras de linguagem referente ao barroco como a antítese, metáfora e personificação. Além do rebuscamento das palavras, a linguagem dramática e exagerada que valoriza os detalhes, culto ao contraste, escrita erudita – mistura de termos científicos e expressões poéticas.

No segundo subcapítulo iremos mostrar a Analogia que Euclides faz na descrição do sertanejo. No terceiro demonstraremos o tom poético que o autor encara a realidade quando tenta explicar ou descrever os aspectos da natureza, do homem e da guerra. Mostraremos a subjetividade diante da narração dos fatos nos tópicos: A natureza como metáfora do homem e A natureza e o homem como metáfora da guerra.

No quarto subcapítulo será analisada a disparidade que Euclides faz entre o homem da cidade e o homem do sertão. E no último subcapítulo apresentaremos uma analogia entre o Líder Antônio Conselheiro e o Coronel Moreira César, afim de mostrar as características semelhantes entre eles.

Roberto Ventura coloca *Os Sertões* como uma narrativa cujo estilo barroco toma conta do cenário narrativo. Esse estilo está configurado na própria estrutura da obra, pois como afirma Ventura (2003), estamos diante de uma “Obra que oscila entre a narrativa e o ensaio, entre a literatura e a história”. A expressividade barroca aparece com excesso de termos técnicos e profusão de imagens (Ventura, 2003, p. 201-202). Esse tom rico e exuberante está “repletos de dissonâncias e antíteses, cuja singularidade advém da aliança em comum entre narrativa, história e ciência” (Ventura, 2003, p. 202).

Segundo Ventura, a obra por completa é marcada por várias relações de contrastes: “fanatismo e misticismo”, “soldado e jagunço”, “litoral e sertão”, “seca e chuva” “república e canudos” (Ventura, 2003, p. 199). Apesar desse jogo de contrastes, o biógrafo argumenta que um é o reflexo do outro. Esse Barroquismo, ainda é mais marcante no paralelo que Euclides faz entre o General Moreira César, comandante da 3^a expedição, e Antônio Conselheiro. Para Ventura “Moreira César é tão desequilibrado quanto Conselheiro” ambos refletiam a instabilidade dos primórdios da república” (Ventura, 2003, p. 201).

Os Sertões, portanto, é um livro convidativo e abundante, que compartilha uma enorme quantidade de conhecimento, além de ser também um livro de reconhecimento e de reprodução do passado. O texto remete o leitor às imagens de sofrimento e às lutas enfrentadas por um povo esquecido. É a junção da narrativa histórica com a arte literária, um estudo que aproxima ciência e arte, revivendo fatos históricos e representando a realidade por intermédio da memória.

3.1 Natureza Barroca

De acordo com Ventura (2003, p. 200), a maior expressão do barroco na obra, aparece na natureza com as “imagens e sombras que Euclides utiliza para fazer analogia à guerra. Segundo ele, Euclides descreveu caatinga num ritmo binário que alternava entre partes “rápidas e lentas”. Euclides compõe uma natureza tosca, cheia de contrastes antecipando quase profeticamente o desfecho da guerra. Euclides

projetou sobre as plantas da caatinga a tragédia de Canudos, inscrita na própria natureza, tendo visões do desfecho da guerra, com decapitação dos prisioneiros e o calvário dos resistentes, dizimados por fome, sede, doenças e pelas balas e projéteis do exército. Esse barroquismo que verificaremos nesses trechos está cheio de figuras de linguagem que permitem construir tanto uma metáfora do sertanejo como sua disposição para a luta.

A natureza de Euclides está cheia de contrastes, um exemplo, é a oposição entre o dia e a noite que ele descreve na primeira parte do livro. Demonstra como o calor ardente que se observa durante o dia se inverte para um frio torturante quando chega à noite:

Desce a noite, sem crepúsculo, de chofre - um salto da treva por cima de uma franja vermelha do poente - e todo este calor se perde no espaço numa irradiação intensíssima, caindo a temperatura de súbito, numa queda única, assombrosa... (Cunha, 2020, p. 20)¹.

Euclides coloca a natureza como metáfora da própria natureza, descreve a noite do sertão em tempo de seca como a própria personificação do dia. A noite do sertão conserva a mesma ardência do sol que castiga durante o dia. Para o narrador, a lua e as estrelas conservam os mesmos raios de tortura que o sol reflete para castigar o sertanejo durante o dia:

[...] Insola-se e enregela-se, em 24 horas. Fere-a o sol e ela absorve-lhe os raios, e multiplica-os e reflete-os, e refrata-os, num reverberar ofuscante: pelo topo dos cerros, pelo esbarrancado das encostas, incendeiam-se as acendalhas da sílica fraturada, rebrilhantes, numa trama vibrátil de centelhas; a atmosfera junto ao chão vibra num ondular vivíssimo de bocas de fornalha em que se pressente visível, no expandir das colunas aquecidas, a efervescência dos ares; e o dia, incomparável no fulgor, fulmina a natureza silenciosa, em cujo seio se abate, imóvel, na quietude de um longo espasmo, a galhada sem folhas da flora sucumbida (p. 20).

Euclides não se contenta em descrever a natureza apenas utilizando uma linguagem científica, mas sim poeticamente de maneira que o leitor possa prever os sinais encenados pela natureza, em que a guerra aproximava-se:

Ao passo que a caatinga o afoga; abrevia-lhe o olhar; agride-o e estonteia-o; enlaça-o na trama espinhosa e não o atrai; repulta-o com as folhas

¹ Todos os fragmentos da análise foram tirados do livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha e apenas o primeiro será identificado com referência, os demais serão referenciados com o número da página.

urticantes, com o espinho, com os gravetos estalados em lanças; e desdobra-se lhe na frente léguas e léguas, imutável no aspecto desolado: árvores sem folhas, de galhos estorcidos e secos, revoltos, entrecruzados, apontando rijamente no espaço ou estirando-se flexuosos pelo solo, lembrando um bracejar imenso, de tortura, da flora agonizante... (p. 25).

Euclides reflete na natureza o desfecho da guerra. O ambiente é visto como a espera da destruição que viria:

E pouco mais especializa quem anda, pelos dias claros, por aqueles ermos, entre árvores sem folhas e sem flores. Toda a flora, como em uma derrubada, se mistura em baralhamento indescritível. É a *caatanduva*, mato doente, da etimologia indígena, dolorosamente caída sobre o seu terrível leito de espinhos!

Vingando um cômoros qualquer, postas em torno as vistas, pertuba-as o mesmo cenário desolador: a vegetação agonizante, doente e informe, exausta, num espasmo doloroso... (p. 29).

Euclides ao descrever o sertão contrasta o período de seca com a vegetação que repentinamente se transforma diante das primeiras chuvas. Para Euclides a natureza se transforma rapidamente, o período chuvoso acentua um aspecto totalmente diferente daquela do período seco, resumindo em “Ressurreição da flora”, como podemos ver a seguir:

E ao tornar da travessia o viajante, pasmo, não vê mais o deserto. Sobre o solo, que as amarílis atapetam, ressurge triunfalmente a flora tropical. É uma mutação de apoteose (p. 30).

Assim, transforma-se em belas paisagens, e o que era seco e escasso, torna-se verdejante e abundante:

Ao sobrevir das chuvas, a terra, transfigura-se em mutações fantásticas, contrastando com a desolação anterior. Os vales secos fazem-se rios. Insulam-se os cômoros escalvados, repentinamente verdejantes. A vegetação recama de flores, cobrindo-os, os grotões escancelados, e disfarça a dureza das barrancas, e arredonda em colinas os acervos de blocos disjungidos – de sorte que as chapadas grandes, intermeadas de convales, se ligam em curvas mais suaves aos tabuleiros altos. Cai a temperatura. Com o desaparecer das soalheiras anula-se a secura anormal dos ares. Novos tons na paisagem: a transparência do espaço salienta as linhas mais ligeiras, em todas as variantes da forma e da cor (p. 33).

Não demora muito e tudo se torna seca novamente, para descrever essa mudança, o autor utiliza o termo “antíteses” para se referir as oposições que ocorre na mudança da paisagem entre o período de chuva e a seca:

Depois tudo isso se acaba. Voltam os dias torturantes; a atmosfera asfixiadora; o empedramento do solo; a nudez da flora; e nas ocasiões em que os estios se ligam sem a intermitência das chuvas – o espasmo assombrador da seca.

A natureza compraz-se em um jogo de antíteses (p. 33).

Euclides utiliza imagens da natureza para ilustrar a brutalidade e a grandeza do sertão, como ao descrever a caatinga, as secas e as tempestades:

Os troncos e galhos das árvores rachados pelos raios, estorcidos pelos ventos; as choupanas estruídas, colmos por terra; as últimas ondas barrentas dos ribeirões, transbordantes; a erva acamada pelos campos, como se sobre eles passassem búfalos em tropel – mal relembram a investida fulminante do flagelo... (p. 46).

O livro apresenta o retrato do Brasil e reproduz acontecimentos históricos pelas vias da literatura. Ao utilizar-se do recurso literário, Euclides da Cunha narra inúmeros fatos ocorridos na batalha que assume o compromisso de depor a favor daqueles que não sobreviveram, recordando a tragédia e enlutando os mortos. Portanto, a narrativa historiográfica desempenha, como medida, o papel de preservar as memórias registradas no arraial de Canudos, ao reconstituir a história por meio de um discurso narrativo em prosa.

3.2 Analogia ao sertanejo

Ventura lembra que a formação geológica da natureza, descrita por Euclides, é uma analogia a formação das raças de onde se originou o sertanejo. O sertanejo é representado pelos elementos naturais da terra. O narrador traça um perfil do sertanejo, baseado no determinismo, ou seja, na influência que o meio, a raça e o momento histórico exercem sobre o indivíduo. O jagunço, considerado homem de ferro na guerra de Canudos, é aquele formado a partir da mistura de três raças e do ambiente hostil que o tornou forte. No plano metafórico, esse homem é comparado à rocha granítica que Euclides chama “a rocha viva da nossa raça”. A analogia é feita devido à composição dos três minerais que formam essa rocha: “Quartzo, feldspapo e mica” (Ventura, 2003, p. 202). Euclides procura através dessa analogia justificar as conquistas dos sertanejos durante a guerra. Com isso, o narrador está dizendo que o sertanejo está preparado para tudo, pois foi forjado no espaço de um ambiente difícil do sertão. Nesse sentido não fica difícil de entender a célebre frase “O sertanejo é,

antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral" (p. 68), resumindo nessa frase a essência desse homem, que apesar das condições áridas e da dureza da vida no sertão, sobrevive e persiste.

O sertanejo é descrito como um símbolo da resistência e adaptação ao ambiente hostil do sertão brasileiro. Através de uma análise detalhada, Euclides constrói o sertanejo como uma figura emblemática, quase mítica, representando o poder de resistência e a luta do ser humano contra as adversidades impostas pela natureza e pela sociedade. A analogia ao sertanejo no livro explora a relação dele com o meio e com a própria identidade do Brasil. Euclides mostra que o sertanejo não é apenas moldado pelo sertão, mas também o molda com sua força, adaptabilidade e resiliência. Essa caracterização tem implicações profundas, pois ela coloca o sertanejo como uma representação da alma brasileira, destacando sua resistência inata e sua capacidade de enfrentar dificuldades. Ele não é uma figura isolada ou menor; ele representa, em muitos aspectos, a força coletiva do povo brasileiro em condições adversas, sendo um símbolo de sobrevivência e identidade cultural frente às tentativas de destruição, como no caso da Guerra de Canudos.

O autor coloca o sertanejo como um ser desfigurado, aparência e postura abatida pelas más condições de vida no sertão:

A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempeno, a estrutura corretíssima das organizações atléticas. É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasimodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gingante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-o a postura normalmente abatida, num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente. A pé, quando parado, recosta-se invariavelmente ao primeiro umbral ou parede que encontra; a cavalo, se sofreia o animal para trocar duas palavras com um conhecido, cai logo sobre um dos estribos, descansando sobre a espanda da sela. Caminhando, mesmo a passo rápido, não traça trajetória retilínea e firme. [...] (p. 68).

Seu porte físico que aparentemente é de um ser fraco, mas que quando necessário, sua aparência de cansaço transfigura-se em uma força surpreendedora:

Entretanto, toda esta aparência de cansaço ilude. Nada é mais surpreendedor do que vê-la desaparecer de improviso. Naquela organização combalida operam-se, em segundos, transmutações completas. Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormecidas. O homem transfigura-se. Empertiga-se, estadeando novos relevos, novas linhas na estatura e no gesto; e a cabeça firma-se-lhe, alta, sobre os ombros possantes, aclarada pelo olhar desassombrado e forte; e corrige-se-lhe,

prestes, numa descarga nervosa instantânea, todos os efeitos do relaxamento habitual dos órgãos; e da figura vulgar do tabaréu canhestro reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias (p. 68).

Euclides classifica o sertanejo todos feitos pelo mesmo molde, possuindo as mesmas características:

[...] o homem do sertão parece feito por um molde único, revelando quase os mesmos caracteres físicos, a mesma tez, variando brevemente do mamaluco bronzeado ao cafuz trigueiro; cabelo corredio e duro ou levemente ondeado; a mesma envergadura atlética e os mesmos caracteres morais traduzindo-se nas mesmas superstições, nos mesmos vícios, e nas mesmas virtudes (p. 64).

O autor coloca o sertanejo como um ser destemido que nem mesmo a seca brutal o faz temer e, ainda assim, não se perde a esperança em dias melhores:

Mas o nosso sertanejo faz exceção à regra. A seca não o apavora. É um complemento à sua vida tormentosa, emoldurando-a em cenários tremendos. Enfrenta-a, estoico. Apesar das dolorosas tradições que conhece através de um sem-número de terríveis episódios, alimenta a todo o transe esperanças de uma resistência impossível (p. 78).

Os Sertões, com seu contexto histórico, deixa a marca da reflexão sobre o sofrimento do povo sertanejo. O narrador-testemunha desenha a realidade ocorrida no final do século XIX, abandonando sua postura política para atuar em favor do próximo. Com discurso revisionista, Euclides da Cunha age em favor da verdade, materializando o massacre por meio da sua criatividade literária.

3.3 Personificação metafórica: natureza, homem e guerra

Euclides da Cunha utiliza abundantemente a personificação metafórica para descrever os três eixos centrais da obra: a natureza, o homem e a guerra. Essa técnica enriquece o texto, atribuindo características humanas a elementos naturais e sociais, conferindo-lhes dinamismo e emoção. Toda a poética do livro *Os Sertões* se baseia em antologias da natureza. O escritor estabelece nexos metafóricos entre o sertão e homem, bem como a natureza e a guerra. Euclides faz descrições detalhadas da natureza sertaneja brasileira porque ela desempenha um papel fundamental na explicação da vida e do comportamento dos habitantes do sertão. Para Euclides, o

sertão não é apenas o pano de fundo da história de Canudos, é um agente ativo que influencia, molda e até determina a realidade social e psicológica das pessoas que vivem ali. Essas “antologias da natureza” mostram o sertão como um ambiente de extremos e desafios – uma paisagem de seca intensa, de vegetação espinhosa, de solos áridos, que, segundo ele, condiciona a luta constante de seus habitantes pela sobrevivência. Descrevendo com minúcia as condições do solo, do clima, da fauna e da flora, Euclides busca dar ao leitor uma compreensão mais profunda dos sertanejos e do cenário brutal em que eles se desenvolvem.

O homem é a própria personificação da natureza. E a natureza e o homem a personificação da guerra. Como se um tivesse condicionado ao outro. A natureza é o cenário descrita sobre a ótica das atitudes humanas dos sertanejos e as cenas da guerra. Isso fica evidente quando ele personifica na natureza algumas cenas da guerra como a vegetação com galhos retorcidos... que lembram coroas de espinhos e cabeças degoladas que permitem antever o martírio dos sertanejos (Ventura, 2003, p. 201).

A subjetividade poética toma conta da obra. As figuras de linguagens são recorrências constantes para mostrar o tom metafórico da natureza. A personificação é o recurso mais usado para construir as imagens que ele tem do sertão. Isso é perceptível a partir dos seguintes pontos:

3.3.1 A natureza como metáfora do homem

Para Euclides, a natureza se apresenta como metáfora do homem. Podemos observar quando ele descreve o cadáver de um soldado, morto após alguns dias depois do combate, como o homem morto personifica os aspectos da natureza. Para Euclides, assim como uma planta, o homem não se decompõe, apenas murcha:

[...] E deixara-o ali há três meses – braços largamente abertos, rosto voltado para os céus, para os sóis ardentes, para os luares claros, para as estrelas fulgurantes...

E estava intacto. Murchara apenas. Mumificara conservando os traços fisionômicos, de modo a incutir a ilusão exata de um lutador cansado, retemperando-se em tranquilo sono, à sombra daquela árvore benfazeja. Nem um verme - o mais vulgar dos trágicos analistas da matéria - lhe maculara os tecidos. Volvia ao turbilhão da vida sem decomposição repugnante, numa exaustão imperceptível. Era um aparelho revelando de modo absoluto, mas sugestivo, a secura extrema dos ares (p. 21).

O homem nasce, vive e luta até a morte no sertão, assim como as árvores que atravessam as estações, resistindo principalmente as fases mais quentes do ano a espera de se renovarem com a chegada do inverno. Pode-se perceber quando comparada a luta incessante do homem assemelhando às árvores:

Na plenitude das secas são positivamente o deserto. Mas quando estas não se prolongam ao ponto de originarem penosíssimos êxodos, o homem luta como as árvores, com as reservas armazenadas nos dias de abastança e, neste combate feroz, anônimo, terrivelmente obscuro, afogado na solidão das chapadas, a natureza não o abandona de todo. Ampara-o muito além das horas de desesperança, que acompanham o esgotamento das últimas cacimbas (p. 33).

Euclides descreve a natureza como um personagem ativo, como o sertão se mostra “inimigo” e ao mesmo tempo “amigo” dos habitantes. A natureza, nesta perspectiva, parece ter uma vida própria, como uma força que molda e desafia o homem:

Ao passo que as caatingas são um aliado incorruptível do sertanejo em revolta. Entram também de certo modo na luta. Armam-se para o combate; agridem. Traçam-se, impenetráveis, ante o forasteiro, mas abrem-se em trilhas multírias, para o matuto que ali nasceu e cresceu. E o jagunço faz-se o guerrilheiro-tugue, intangível... As caatingas não o escondem apenas, amparam-no (p. 141).

A natureza se revolta contra os militares pela destruição causada e ampara o sertanejo pela aproximação que possuem:

A luta é desigual. A força militar decai a um plano inferior. Batem-na o homem e a terra. E quando o sertão estua nos bochornos dos estios longos não é difícil prever a quem cabe a vitória. Enquanto o minotauro, impotente e possante, inerme com a sua envergadura de aço e grifos de baionetas, sente a garganta exsicar-se-lhe de sede e, aos primeiros sintomas da fome, refluí à retaguarda, fugindo ante o deserto ameaçador e estéril, aquela flora agressiva abre ao sertanejo um seio carinhoso e amigo (p. 143).

O sertanejo e as árvores são descritos como desde o princípio um fazendo parte da vida do outro, o mesmo sofrimento enfrentado pelo sertanejo, é o mesmo enfrentado pelas árvores:

Cercam-lhe relações antigas. Todas aquelas árvores são para ele velhas companheiras. Conhece-as todas. Nasceram juntos; cresceram irmamente; cresceram através das mesmas dificuldades, lutando com as mesmas agruras, sócios dos mesmos dias remansados (p. 144).

Os frutos, assim como o umbu, fruta típica do sertão, são colocados como alimento para o sertanejo que mesmo na mata não passa fome. A natureza proporciona frutos para o homem e para o cavalo, seu companheiro viajante:

O umbu desaltera-o e dá-lhe a sombra escassa das derradeiras folhas; o araticum, o ouricuri vidente, a mari elegante, a quixaba de frutos pequeninos, alimentam-no a fartar; as palmatórias, despidas em combustão rápida dos espinhos numerosos, os mandacarus talhados a facão, ou as folhas dos juás – sustentam-lhe o cavalo; os últimos lhe dão ainda a cobertura para o rancho provisório; os caroás fibrosos fazem-se cordas flexíveis e resistentes... E se é preciso avançar a despeito da noite, e o olhar afogado no escuro apenas lobriga a fosforescência azulada das cumanãs dependurando-se pelos galhos como grinaldas fantásticas, basta-lhe partir e acender um ramo verde de candombá e agitar pelas veredas, espantando as suçuananas deslumbradas, um archote fulgurante...

A natureza toda protege o sertanejo. Talha-o como Anteu, indomável. É um titã bronzeado fazendo vacilar a marcha dos exércitos (p. 144).

Dessa maneira, pode-se perceber através dos fragmentos que há uma ligação muito forte entre a natureza e o homem. Euclides utiliza a natureza como uma metáfora poderosa para explorar as dimensões humanas e sua relação com o ambiente. A aridez e a dureza do sertão tornam-se símbolos da resistência, da dor e da força de um povo.

3.3.2 A natureza e o homem como metáfora da guerra

O sertanejo traz dentro de si a natureza impregnada no sangue. O sertanejo é a personificação do sertão. Assim como a fauna e a flora do sertão reage às atrocidades da seca, ele reage contra as atrocidades da república:

Assim disposta, a árvore aparelha-se para reagir contra o regímen bruto. Ajusta-se sobre os sertões o cautério das secas; esterilizam-se os ares urentes; empedra-se o chão, gretando, recrestado; ruge o nordeste nos ermos; e, como um cilício dilacerador, a caatinga estende sobre a terra as ramagens de espinhos... Mas, reduzidas todas as funções, a planta, estivando, em vida latente, alimenta-se das reservas que armazena nas quadras remansadas e rompe os estios, pronta a transfigurar-se entre os deslumbramentos da primavera (p. 26).

Imagens fortes são refletidas nas plantas em que o narrador descreve um contexto de performances artísticas, como em obra de arte ou literatura que busca representar sofrimento, angústia e intensidade emocional, a fim de transmitir a sensação do caos:

E quem segue pelo caminho de Queimadas, atravessando um esboço de deserto, onde agoniza uma flora de gravetos – arbustos que nos esgalhos revoltos retratam contorções de espasmos, cardos agarrados a pedras ao modo de tentáculos constridores, bromélias desabotoando em floração sanguinolenta – avança rápido, ansiando pela paragem que o arrebata. Chega; e não sofreia doloroso desapontamento (p. 148).

Pode-se notar que a paisagem do sertão é descrita como premunição da guerra que estaria por acontecer. O narrador descreve os cabeças-de-frade a refletir a imagem de cabeças decepadas:

Têm como sócios inseparáveis neste hábitat, que as próprias orquídeas evitam, os cabeças-de-frade, deselegantes e monstruosos melocactos de forma elipsoidal, acanalada, de gomos espinescentes, convergindo-lhes no vértice superior formado por uma flor única, intensamente rubra. Aparecem, de modo inexplicável, sobre a pedra nua, dando, realmente, no tamanho, na conformação, no modo por que se espalham, a imagem singular de cabeças decepadas e sanguinolentas jogadas por ali, a esmo, numa desordem trágica (p. 29).

Da mesma maneira que é descrita essas imagens de sofrimento na natureza, é visto acontecer com os lutadores durante a guerra:

Concluídas as pesquisas nos arredores, e recolhidas as armas e munições de guerra, os jagunços reuniram os cadáveres que jaziam esparsos em vários pontos. Decapitaram-nos. Queimaram os corpos. Alinharam depois, nas duas bordas da estrada, as cabeças, regularmente espaçadas, fronteando-se, faces volvidas para o caminho. Por cima, nos arbustos marginais mais altos, dependuraram os restos de fardas, calças e dólmãs multicores, selins, cinturões, quepes de listras rubras, capotes, mantas, cantis e mochilas (p. 203).

Esse guerreiro é representado pela natureza. Metaforicamente, o guerreiro se assemelha as plantas que parecendo morta no período de seca, ressurge com grande esplendor depois de uma chuva. Também se assemelhando a fauna que ressurge resistente. Assim como os jagunço ressurgem no campo de batalha para ser um vitorioso:

Ressurge ao mesmo tempo a fauna resistente das caatingas: disparam pelas baixadas úmidas os caititus esquivos; passam, em varas, pelas tigüeras num estríduo estrepitar de maxilas percutindo, os queixadas de canela ruiva; correm pelos tabuleiros altos, em bandos, esporeando-se com os ferrões de sob as asas, as emas velocíssimas; e as seriemas de vozes lamentosas, e as sericóias vibrantes, cantam nos balsedos, à fimbria dos banhados onde vem beber o tapir estacando um momento no seu trote, brutal, inflexivelmente retilíneo, pela caatinga, derribando árvores; e as próprias suçuanas, aterrando os mocós espertos que se aninham aos pares, nas luras dos

fraguedos, pulam, alegres, nas macegas altas, antes de quedarem nas tocaias traíçoeiras aos veados ariscos ou novilhos desgarrados... (p. 31-32).

Euclides descreve como os jagunços ressurgiram com sua bravura para o combate, mostra que mesmo estando em desvantagem avançaram para cima dos soldados da república. Nesse fragmento, é perceptível a esperteza, a astúcia dos jagunços ao elaborar um plano estratégico sempre em busca de vitória. Esse guerreiro rápido e sagaz personifica as agilidades de alguns animais:

No alto, mais longe, pelo teso da serra, reaparecem os sertanejos. Pareciam dispostos em duas sortes de lutadores: Os que agitavam, velozes, surgindo e desaparecendo, às carreiras, e os que permaneciam firmes nas posições alterosas... De sorte, se alguma bala fazia baquear o clavinoteiro, substituía-o logo qualquer dos outros. Os soldados iam tombar, mas ressurgir, idestinto, pelo fumo, o mesmo busto, apontando-lhe a espingarda. Alvejavam-no de novo. Viam-no outra vez cair, de bruços, baleado. Mas via outra vez erguer-se, invulnerável, assombroso, terrível, abatendo e aprumando-se, o atirador fantástico (p. 157).

Euclides descrevendo as ações de João Grande em combate, faz uma analogia de suas atitudes em combate com as atitudes de alguns animais que fazem parte da fauna sertaneja:

Via-se entre eles, sopesando o clavinote curto, um negro corpulento e ágil. Era o chefe João Grande. Desencadeava as manobras, estandeando ardilezas de facínora provento nas correrias do sertão. Imitava-lhe os movimentos, as carreiras, os saltos, as figurações selvagens, os sertanejos amotinados – num vaivém de avançadas e recuos, ora dispersos, ora agrupados, ou desfilando em fileiras sucessivas, ou repartindo-se extremamente rarefeitos [...] (p. 157).

Nessa descrição Euclides utilizada verbos como “ressurge”, “pulam” usadas para descrever características das plantas da caatinga e os movimentos dos animais, aparecem em seguida na cena em que João Grande demonstra toda a sua agilidade na guerra. Nessa cena, podemos inferir que o sertanejo ressurge como uma planta. Imita os saltos e os pulos dos animais do sertão.

Euclides descreve o jagunço durante a guerra como se houvesse uma transmutação em seu aspecto físico, como se transformasse em uma criatura sobrenatural, assemelhando sua habilidade aos répteis:

O jagunço começou a aparecer como um ente à parte, teratológico e monstruoso, meio homem e meio trasgo; violando as leis biológicas, no estabelecer resistências inconcebíveis; arrojando-se, nunca visto, intangível,

sobre o adversário; deslizando, invisível, pela caatinga, como as cobras; resvalando ou tombando pelos despenhadeiros fundos, como espetro; mais leve que a espingarda que arrastava; e magro, seco, fantástico, diluindo-se em duende, pesando menos que uma criança, tendo a pele bronzeada colada sobre os ossos, áspera como a epiderme das múmias... (p. 286).

Ao encarar o sertão, os batalhões percebem que a luta não seria apenas para enfrentar os sertanejos, mas encontraram pela frente um outro inimigo, o deserto. A natureza passa a se caracterizar como um guerreiro contra as forças do exército:

O que era preciso combater a todo o transe e vencer não era o jagunço, era o deserto. Fazia-se imprescindível dar à campanha o que ela ainda não tivera: uma linha e uma base de operações. Terminava-se por onde devia começar-se (p. 294).

Percebe-se, então, que essa participação da natureza no combate é essencial para que o sertanejo consiga, em muitos momentos, superar as forças do exército.

3.4 Disparidade entre o homem da cidade e o homem do sertão

Aqui Euclides faz uma oposição entre o homem da cidade e o homem do sertão, ou melhor, os tipos díspares: o jagunço e o gaúcho, o que torna possível verificarmos na maneira que o autor descreve, mostrando o sofrimento do sertanejo, enquanto o homem da cidade possui privilégios:

O gaúcho do Sul, ao encontrá-lo nesse instante, sobreolhá-lo-ia comiserado. O vaqueiro do Norte é a sua antítese. Na postura, no gesto, na palavra, na índole e nos hábitos não há equipará-los. [...] A luta pela vida não lhe assume o caráter selvagem da dos sertões do Norte. Não conhece os horrores da seca e os combates cruentos com a terra árida e exsicada. Não o entristecem as cenas periódicas da devastação e da miséria, o quadro assombrador da absoluta pobreza do solo calcinado, exaurido pela adustão dos sóis bravios do Equador (p. 69).

A maneira como leva a vida na cidade, com menos preocupação e a forma de se vestir:

Não tem, no meio das horas tranquilas da felicidade, a preocupação do futuro, que é sempre uma ameaça, tornando aquela instável e fugitiva. Desperta para a vida amando a natureza deslumbrante que o aviventa; e passa pela vida, aventureiro, jovial, deserto valente e fanfarrão, despreocupado, tendo o trabalho como uma diversão que lhe permite as disparadas, domando distâncias, nas pastagens planas, tendo aos ombros, palpitando aos ventos o pala inseparável, como uma flâmula festivamente desdobrada. As suas vestes são um traje de festa, ante a vestimenta rústica do vaqueiro (p. 70).

Em oposição, apresenta a maneira como o sertanejo vivi desde o seu nascimento, tendo que se adaptar as más condições de vida e as adversidades:

O vaqueiro, porém, criou-se em condições opostas, em uma intermitência, raro perturbadora, de horas felizes e horas crueis, de abastança e misérias – tendo sobre a cabeça, como ameaça perene, o sol, arrastando de envolta, no volver das estações períodos sucessivos de devastações e desgraças. Atravessou a mocidade numa intercadência de catástrofes. Fez-se homem, quase sendo criança. Salteou-o, logo, intercalando-lhe agruras nas horas festivas da infância, o espantalho das secas no sertão. Cedo encarou a existência pela sua face tormentosa. É um condenado à vida. Fez-se forte, esperto, resignado e prático. Apresentou-se, cedo, para a luta (p. 70).

Complementa a respeito da vestimenta rústica do vaqueiro que é oposta a vestimenta do homem da cidade:

O seu aspecto recorda, vagamente, à primeira vista, o de guerreiro antigo exausto da refrega. As vestes são uma armadura. Envolto no gibão de couro curtido, de bode ou de vaqueta; apertado no colete também de couro; calçando as perneiras, de couro curtido ainda, muito justas, cosidas às pernas e subindo até as virilhas, articuladas em joalheiras de sola; e resguardados os pés e as mãos pelas luvas e guarda-pés de pele de veado – é como a forma grosseira de um campeador medieval desgarrado em nosso tempo (p. 70).

Quando Euclides faz essas descrições, detalhando a maneira de vida do homem da cidade e o sertanejo, colocando o sertanejo a margem da sociedade, excluído da vida social, e ainda assim, como um ser forte, que o meio o faz ter essa fortaleza e pronto para todos os desafios a serem enfrentados, mesmo não possuindo meios de proteção, nos faz crer que Euclides aprecia, defende o sertanejo.

3.5 Analogia entre Antônio Conselheiro e Moreira César

Antônio Conselheiro e Moreira César compartilham algumas semelhanças em suas trajetórias, principalmente em relação ao contexto social e político do Brasil do século XIX. Tais semelhanças mostram como a luta pelo poder e pela justiça social permeou a história do Brasil, resultando em confrontos significativos. Ambos foram líderes de movimentos populares em épocas de grande turbulência.

- Liderança Popular: Antônio Conselheiro liderou o movimento de Canudos, reunindo seguidores em torno de ideais religiosos e de resistência contra o governo,

enquanto Moreira César foi um militar que se destacou durante a Revolta de Canudos, representando a repressão governamental.

- Conflito com o Estado: Ambos desafiaram as autoridades, embora de maneiras diferentes. Conselheiro buscava uma alternativa espiritual e social, enquanto Moreira César estava do lado do governo, defendendo a ordem estabelecida.

- Revoltas e Rebeliões: Seus papéis se entrelaçam na Revolta de Canudos, um conflito que refletiu tensões sociais, econômicas e políticas, evidenciando as desigualdades da época.

A analogia entre Antônio Conselheiro e Moreira César reside na representação de dois lados de um mesmo conflito social e político. Antônio Conselheiro simboliza a resistência popular e a busca por um ideal de comunidade e justiça social, enquanto Moreira César representa a força do Estado e a repressão a essas demandas. Ambos encarnam, assim, as tensões entre a luta por direitos e a manutenção da ordem, refletindo a polarização que caracteriza muitos movimentos sociais ao longo da história. Essa relação evidencia como líderes e figuras emblemáticas podem surgir em contextos de crise, cada um defendendo visões opostas sobre o que seria o "bem comum".

3.5.1 Antônio Conselheiro

Antônio Conselheiro, líder religioso conhecido por ter fundado, em 1893, o povoado de canudos na Bahia, onde seus seguidores buscavam um espaço de dignidade e solidariedade. Se destacou por suas pregações e por atrair seguidores em um contexto de grande pobreza e injustiça social, mas que também despertou a preocupação do governo, resultando na Guerra de Canudos, o conflito marcado entre as forças do governo da República e a comunidade de canudos. Foi um dos seres a se destacar de uma maneira forte e comovente no acontecimento da guerra de canudos.

Após uma série de experiências pessoais e religiosas, tornou-se uma figura carismática que atraía seguidores com suas pregações baseadas na Bíblia, mensagens de esperança e temas como a justiça social, crítica ao governo e à Igreja oficial. Por aderir a essa vida e viver como peregrino, o conselheiro é tido por muitos como louco que por ser traído pela mulher passa a viver uma vida nômade:

De repente, surge-lhe revés violento. O plano inclinado daquela vida em declive termina, de golpe, em queda formidável. Foge-lhe a mulher, em Ipu, raptada por um policial. Foi o desfecho. Fulminado de vergonha, o infeliz procura o recesso dos sertões, paragens desconhecidas, onde lhe não saibam o nome; o abrigo da absoluta obscuridade (p. 95).

Surge, então, o Conselheiro, em 1876, na vila do tapicuru de Cima, já possuindo grande renome:

"Apareceu no sertão do Norte um indivíduo, que se diz chamar Antônio Conselheiro, e que exerce grande influência no espírito das classes populares servindo-se de seu exterior misterioso e costumes ascéticos, com que impõe à ignorância e à simplicidade. Deixou crescer a barba e cabelos, veste uma túnica de algodão e alimenta-se tenuamente, sendo quase uma múmia. Acompanhando de duas professas, vivi a rezar terços e ladainhas e a pregar e a dar conselhos às multidões, que reúne, onde lhe permitem os párocos; e, movendo sentimentos religiosos, vai arrebanhando o povo e guiando-o a seu gosto. Revela ser homem inteligente, mas sem cultura." (p. 98).

Euclides da Cunha faz o retrato do conselheiro, detalhando ao ponto que seus leitores possam imaginar como era visto:

"Vestia túnica de azulão, tinha a cabeça descoberta e empunhava um bordão. Os cabelos crescidos sem nenhum trato, a caírem sobre os ombros; as longas barbas grisalhas mais brancas; os olhos fundos raramente levantados para fitar alguém; o rosto comprido de uma palidez quase cadavérica; o porte grave e ar pertinente" impressionaram grandemente os recém-vindos (p. 125).

Euclides não se limita a apenas fazer o retrato do Conselheiro, também descreve diálogos em uma reunião na capela, em que o Bispo da região se incomoda com o fato dos fiéis estarem se desviando da igreja católica, participando apenas das reuniões religiosas do Conselheiro. Afim de sanar essas reuniões e ter de volta os católicos a igreja, resolve proibir os fiéis de assistirem as pregações do Conselheiro:

"Enquanto isto dizia, a capela e o coro enchiam-se de gente e ainda não acabara eu de falar e já eles a uma voz clamavam:
Nós queremos acompanhar o nosso Conselheiro!"

[...] Senhor, se é católico, deve considerar que a Igreja condena as revoltas e, aceitando todas as formas de governo, ensina que os poderes constituídos regem os povos em nome de Deus."

Fr. Monte-Marciano: "Nós, mesmo aqui no Brasil, a principiar do Bispo até o último católico, reconhecemos o governo atual; somente vós não vos quereis sujeita?"

É mau pensar esse, é uma doutrina errada a vossa!"

A frase final vibrou como uma apóstrofe. De dentro da multidão partiu pronta, a réplica arrogante:

'- V. Revma. É que tem uma falsa doutrina e não o nosso Conselheiro!"

Desta vez ainda o tumulto, prestes a explodir, retraiu-se a um gesto lento do Conselheiro que, voltava-se para o missionário, disse:

"- Eu não desarmo a minha gente, mas também não estorvo a santa missão." (p. 126).

Esta iniciava-se agora sob maus auspícios. Apesar disto correu em paz até ao quarto dia, e concorridíssima: cerca de cinco mil assistentes, entre os quais todos os homens válidos se destacavam:

"... carregando bacamartes, garruchas, espingardas, pistolas e facões, de cartucheiras à cinta e gorro à cabeça, na altitude de quem vai à guerra." (p. 126).

A morte de Antônio Conselheiro em *Os Sertões* é um momento decisivo e simbólico da narrativa. Conselheiro, líder espiritual e figura central da resistência em Canudos, representa a luta e a fé do povo sertanejo. Sua morte ocorre durante o ataque final das tropas governamentais, em 1897, quando Canudos é finalmente tomado. Euclides da Cunha descreve a cena com grande dramaticidade, enfatizando a figura quase mítica de Conselheiro, que, mesmo em sua morte, simboliza a esperança e a determinação do povo. Ele é alvejado por um tiro, e sua queda representa não apenas a perda de um líder, mas também a devastação de um ideal e a derrota da luta contra a opressão. A morte de Antônio Conselheiro é carregada de significado. Ela não apenas marca o fim da resistência em Canudos, mas também destaca a tragédia da guerra e a luta dos sertanejos por dignidade e reconhecimento. A sua figura permanece como um símbolo de resistência, refletindo a complexidade da relação entre o povo e as autoridades, além da luta por identidade e justiça social no Brasil do século XIX.

Após a morte de Antônio Conselheiro, a situação em Canudos se torna ainda mais caótica. As tropas federais, agora em controle total da cidade, começam a saquear e destruir o arraial. A população remanescente enfrenta a brutalidade dos soldados, que agem com violência e desrespeito. Com a queda de Canudos, muitos sertanejos que sobreviveram à batalha se dispersam ou são mortos. O movimento liderado por Conselheiro, que havia se tornado um símbolo de resistência e esperança para o povo, chega ao fim. A vitória das forças governamentais marca uma vitória militar, mas também representa uma derrota moral e social, expondo a desigualdade e a opressão vividas pelo povo sertanejo. A repercussão da morte de Conselheiro e a destruição de Canudos reverberam além da batalha, influenciando a forma como a sociedade brasileira passou a ver o sertão e seus habitantes. A figura de Conselheiro se transforma em um símbolo de resistência e luta contra a injustiça, e sua história é lembrada como parte importante da identidade sertaneja e da luta social no Brasil.

Após sua morte, descobrem o cadáver de Antônio Conselheiro, desenterram-o como se fosse um prêmio vê-lo morto:

Desenterram-no cuidadosamente. Dádiva preciosa – único prêmio, únicos despojos opimos de tal guerra! -, faziam-se mister os máximos resguardos para que se não desarticulasse ou deformasse, reduzindo-se a uma massa angulhenta de tecidos decompostos. Fotografaram-no depois. E lavrou-se uma ata rigorosa firmando a sua identidade: importava que o país se convencesse bem de que estava, afinal, extinto aquele território antagonista. Restituíram-no à cova. Pensaram, porém, depois, em guardar a sua cabeça tantas vezes maldita – e, como fora malbaratar o tempo exumando-o de novo, uma faca jeitosamente brandida, naquela mesma atitude, cortou-lha; e a face horrenda, empastada de escaras e de sânie, apareceu ainda uma vez ante aqueles triunfadores... Trouxeram depois para o litoral, onde deliravam multidões em festa, aquele crânio. Que a ciência dissesse a última palavra. Ali estavam, no relevo de circunvoluçãoes expressivas, as linhas essenciais do crime e da loucura... (p. 353).

Assim, com a morte de Antônio Conselheiro e seus seguidores, o governo propagou a ideia de que o perigo havia acabado, o que resultou no festejo de multidões de pessoas.

3.5.2 Moreira César

Moreira César, em *Os Sertões*, é uma figura emblemática que representa o conflito entre o homem e as adversidades do sertão brasileiro. Moreira César é descrito como um líder carismático e valente, retratado como um militar de princípios, mas também como um homem profundamente marcado pelas circunstâncias e pela cultura da região. Sua personalidade é complexa: ele demonstra coragem, mas também a fragilidade que vem do enfrentamento de um ambiente hostil e de um inimigo implacável. Essa dualidade reflete a própria condição do sertanejo, que luta contra, não apenas adversários externos, mas também contra a natureza e a pobreza.

O autor utiliza Moreira César para explorar temas como a desigualdade social, a cultura do sertão e a ideia de heroísmo. A construção do personagem revela não apenas a bravura, mas também a tragédia da sua situação, evidenciando o dilema entre a honra e a realidade brutal da guerra. Por meio de Moreira César, Euclides da Cunha critica a visão simplista do sertão e de seus habitantes, apresentando um retrato mais profundo e humanizado dos desafios enfrentados por aqueles que vivem nas margens da sociedade.

Euclides descreve o coronel como um ser humano comum, que aparentemente não transparece a bravura que possui:

Ora, entre eles, o coronel Moreira César era figura à parte. Surpreendiam-se igualmente ao vê-lo admiradores e adversários. O aspecto reduzia-lhe a fama. De figura diminuta – um tórax desfibrado sobre pernas arcadas em parênteses – era organicamente inapto para a carreira que abraçara. Faltava-lhe esse aprumo e competição inteiriça que no soldado são a base física da coragem (p. 168).

Apresenta o seu retrato com a tentativa de mostrar a fisionomia desfigurada de Moreira César:

A fisionomia inexpressiva e mórbida completava-lhe o porte desgracioso e exíguo. Nada, absolutamente, traía a energia surpreendedora e temibilidade rara de que dera provas, naquele rosto de convalescente sem uma linha original e firme: pálido, alongado pela calva em que se expandia a fonte bombeada, e mal alumiado por olhar mortiço, velado de tristeza permanente. Era uma face imóvel como um molde de cera, tendo a omnipenetrabilidade oriunda da própria atonia muscular. Os grandes paroxismos da cólera, a alacridade mais forte, ali deveriam amortecer-se inapercebidos, na lassidão dos tecidos, deixando-a sempre fixamente impassível e rígida (p. 169).

Aparentemente a fisionomia do Coronel César enganava, mas aos que o conhecia sabia a sua verdadeira personalidade:

Aos que pela primeira vez o viam custava-lhes admitir que estivesse naquele homem de gesto lento e frio, maneiras corteses e algo tímidas, o campeador brilhante, ou o demônio crudelíssimo que idealizavam. Não tinha os traços característicos nem de um, nem de outro. Isto, talvez, porque fosse as duas coisas ao mesmo tempo (p. 169).

Para Euclides, Moreira César era um desequilibrado, pois sua personalidade transmuta rapidamente:

[...] Alguma coisa de grande e incompleto, como se a evolução prodigiosa do predestinado parasse, antes da seleção final dos requisitos raros com que aparelhara, precisamente na fase crítica em que ele fosse definir-se como herói ou como facínora. Assim, era um desequilibrado. Em sua alma a extrema dedicação esvai-se no extremo ódio, a calma soberana em desabrimientos repentinos e a bravura cavalheiresca na barbaridade revoltante. Tinha o temperamento desigual e bizarro de um epilético provado, encobrindo a instabilidade nervosa de doente em placidez enganadora (p. 169).

Ao descrever a trajetória dos soldados comandados pelo líder Moreira César, notamos a presença de diálogos:

As armas dos jagunços eram ridículas. Como despojo os soldados encontraram uma espingarda *pica-pau*, leve e de cano finíssimo, sob a barranca. Estava carregada. O coronel César, mesmo a cavalo, disparou-a para o ar. Um tiro insignificante, de matar passarinho.

- "Esta gente está desarmada..." – disse tranquilamente (p. 186).

Assim como na página seguinte quando seguem para canudos acreditando que a população estava desarmada, confiante que a guerra já estaria ganha:

- Meus camaradas! Como sabem, estou visivelmente enfermo. Há muitos dias não me alimento; mas Canudos está muito perto... vamos tomá-lo!
Foi aceito o alvitre.
- Vamos almoçar em Canudos! – disse, alto.
Respondeu-lhe uma ovacão da soldadesca (p. 187).

Moreira César morre durante o ataque das tropas federais ao arraial de Canudos, especificamente na terceira expedição militar, em 1897. Sua morte acontece em combate, enquanto ele lidera bravamente suas tropas. O momento é descrito com dramaticidade por Euclides da Cunha, que enfatiza tanto a bravura de Moreira César quanto a tragédia do conflito.

A morte de Moreira César em *Os Sertões* é um momento marcante que simboliza a tragédia do conflito em Canudos. Sua morte representa não apenas a perda de um líder carismático, mas também a culminação da resistência do povo sertanejo e a brutalidade da guerra. Euclides da Cunha descreve o momento com intensidade, ressaltando o heroísmo e a determinação de Moreira César, que, mesmo diante da adversidade, luta até o fim. A cena é carregada de simbolismo, refletindo a luta desesperada de um povo contra as opressões e as injustiças sociais. A morte de Moreira César não é apenas um evento trágico, mas um ponto de virada que intensifica a narrativa sobre a brutalidade da guerra e a condição dos sertanejos. Sua figura se torna um símbolo da resistência e do sacrifício, e sua morte ecoa na memória coletiva, ressaltando a complexidade da relação entre os sertanejos e o poder estabelecido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do livro, Euclides da Cunha oferece uma visão de Canudos que é ao mesmo tempo histórica e literária. O sertão, em sua perspectiva, não é apenas um espaço geográfico, mas um símbolo do Brasil profundo, do contraste entre a civilização e a barbárie, e das dificuldades de uma nação em formação. A descrição do povo sertanejo, muitas vezes vista como preconceituosa e reducionista, reflete, por um lado, uma análise baseada em seu contexto histórico e, por outro, os juízos de valor de um autor que, apesar de buscar uma explicação racional para os fenômenos, acaba por construir uma narrativa muitas vezes carregada de estereótipos.

A literatura é ampla e multifacetada, desempenhando um papel fundamental tanto no desenvolvimento individual quanto no coletivo das sociedades. A literatura não é apenas uma forma de entretenimento ou um meio de expressão artística, mas também uma ferramenta crucial para a compreensão do mundo, das emoções humanas e das estruturas sociais. A literatura tem um papel essencial na preservação da memória coletiva e na transmissão da história. Através dos relatos literários, gerações futuras podem ter acesso a acontecimentos, culturas, valores e modos de vida de tempos passados. Muitas vezes, a literatura registra eventos históricos sob perspectivas que a história oficial não captura, oferecendo uma visão mais pessoal e subjetiva do passado.

Os Sertões é um livro convidativo e abundante, que compartilha uma enorme quantidade de conhecimento, além de ser também um livro de reconhecimento e de reprodução do passado. O texto remete o leitor às imagens de sofrimento e às lutas enfrentadas por um povo esquecido. É a junção da narrativa histórica com a arte literária, um estudo que aproxima ciência e arte, revivendo fatos históricos e representando a realidade por intermédio da memória.

O estudo da relação entre história e ficção em *Os Sertões* é essencial para a compreensão e análise dos acontecimentos históricos, sociais, políticos e religiosos do Brasil no século XIX. É possível evidenciar a violência sofrida pelo povo sertanejo e, ao mesmo tempo, compreender o contexto em que a guerra ocorreu, desmistificando o preconceito existente em relação a esse povo. Além disso, a pesquisa assume fundamental importância nesse contexto, pois o livro é uma coleção de relatos, documentos e memórias de Euclides da Cunha e de outros participantes da guerra.

Nesse contexto, conclui-se, então, que *Os Sertões* trabalha diversas nuances, abordando a relação do homem sertanejo com a natureza, revelando sua força e resistência diante do abandono e do preconceito. Além disso, a presente pesquisa evidenciou a relevância do livro na contemporaneidade, já que as questões abordadas nele estão intrinsecamente ligadas aos problemas sociais e econômicos do tempo presente. Euclides da Cunha retrata a dura realidade e o sofrimento enfrentados pelo povo sertanejo, demonstrando, também, um profundo conhecimento e comprometimento com a verdade. Esse livro não apenas influencia outros intelectuais se dedicarem ao estudo e a pesquisa do massacre em Canudos, mas também desperta um interesse profundo na temática, abrindo possibilidades para uma literatura mais comprometida com a realidade política e social do Brasil, contribuindo assim para a valorização da diversidade cultural do país.

A pesquisa efetuada e concluída sobre a relação entre história e ficção em *Os Sertões* revela que a obra vai além de um simples relato jornalístico ou de um estudo histórico. Ela se configura como um híbrido entre a objetividade histórica e a subjetividade literária, criando uma narrativa que desafia o leitor a refletir não apenas sobre os acontecimentos de Canudos, mas sobre as tensões que ainda marcam o Brasil. A relação entre história e ficção em *Os Sertões* é fundamental para entender a complexidade da obra. Ela não apenas documenta um evento histórico, mas também nos oferece uma interpretação simbólica e literária da realidade brasileira. Dessa forma, a obra permanece não apenas como um estudo do passado, mas também como uma lente através da qual podemos continuar a refletir sobre os desafios e contradições do presente e do futuro do país.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria de Souza. *Elaboração de projeto, TCC, dissertação e tese: uma abordagem simples prática e objetiva*. Mario de Souza Almeida. São Paulo: Atlas, 2011.
- ANDRADE, Olímpio de Sousa. *História e interpretação de Os sertões*. São Paulo, Edart, 1960.
- BERNUCCI, Leopoldo. *A imitação dos sentidos: prógonos, contemporâneos epígonos de Euclides da Cunha*. São Paulo, Edusp, 1995.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 35^a. ed. São Paulo: Cultrix LTDA, 1994.
- CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1965.
- CUNHA, Euclides da. *Obras completas*. Rio de Janeiro, Aguilar, 2 vols, 1966.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. 2. Ed. Jandira, SP: Principis, 2020.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1983.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *As formas do falso*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- _____. *Diário de uma expedição / Euclides da Cunha*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- _____. *Euclidiana: ensaios sobre Euclides da Cunha*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- MEYER, Augusto. *Preto e Branco*. Rio de Janeiro. I. N. L. 1956.
- MOISÉS, Massaud. *A Literatura Brasileira através dos textos*. 19^a. ed. São Paulo: Cultrix LTDA, 1996.
- MULLANEY, Steven. *Discursive forums, cultural practices*. Em *The historic turn in the human sciences*, pp. 89-161, 1996.
- NASCIMENTO, José Leonardo do. *Euclides da Cunha e a estética do cientificismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- NASCIMENTO, José Leonardo do e FACIOLI, Valentim. *Juízos críticos: Os Sertões e os olhares de sua época*, São Paulo: Editora Unesp, 2003.
- NORA, Pierre. *Between memory and history*. In: *Les Lieux de mémoire. Representations*, 26, pp. 7-25, 1989.

OLIVEIRA, Gilvan de. O(s) sertão (ões): a construção do espaço no relato de canudos. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/shXIX/anais/GT03/Ensaio-20Os%20Sert%F5es.pdf>. Acesso em: 02 de set. 2024.

PIMENTEL, Telmo de Maia; PIMENTEL, Kelly Cristhel do Nascimento. A transfiguração do real em arte literária visto nos “Sertões” de Euclides da Cunha. *Revista Eletrônica Interdisciplinar*. Barra do Garças – MT, Brasil Ano: 2023 Volume: 15 Número: 1. Disponível em: <http://revista.univar.edu.br/rei/article/view/320>. Acesso em: 13 de mai. 2024.

TROUCHE, André Luiz Gonçalves. *América: história e ficção*. Niterói, RJ, Eduff, 2006.

VALENTE, Luiz Fernando. *Entre Clio e Calíope: a construção da narrativa histórica em Os Sertões*. SciELO - Scientific Electronic Library Online: 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59701998000400003>. Acesso em: 13 de mai. 2024.

WHITE, Hayden. *Meta-história: A imaginação Histórica do Século XIX na Europa*. Tradução de José Laurêncio de Melo. São Paulo: EDUSP, 1992.

ANEXO – capa do livro Os Sertões, de Euclides da Cunha

